



Práticas Multissetoriais para
o Desenvolvimento Integral

Diário de bordo

Atividades de promoção à saúde,
cultura, esporte e educação
ambiental na Fundação Julita



SUMÁRIO

Apresentação	3
Atividades Multissetoriais	6
Alimentação Saudável.....	7
Os Quatro Elementos da Natureza.....	22
Cultura Corporal do Movimento e o Brincar.....	40
Participação e Cultura.....	66
Atividades Integradas	72
Encontro Cultural	95
Formação Continuada	104



APRESENTAÇÃO

Ao longo de sua história de 71 anos, a Fundação Julita vem contribuindo de forma direta para o desenvolvimento social de crianças, adolescentes, jovens adultos e pessoas idosas, moradoras do território do Jardim São Luís – região sul da cidade de São Paulo.

Com atendimentos por meio de programas socioeducativos, a Julita vem propondo diversas ações que visam potencializar e ampliar o universo de conhecimento dos(as) beneficiários(as) em seus mais variados aspectos, tendo como principal objetivo o fortalecimento da cidadania na perspectiva da garantia de direitos.

A organização reconhece e faz valer que o ser humano está em constante desenvolvimento e traz para a sua atuação o conceito do Desenvolvimento Integral, reconhecendo a importância de favorecer o desenvolvimento das capacidades intelectuais, físicas, emocionais, sociais e ambientais dos indivíduos.

De maneira conjunta, para a Fundação Julita, o desenvolvimento integral está fortemente associado ao desenvolvimento humano.

Por meio desta perspectiva, compreende-se a necessidade de criar oportunidades que favoreçam a maior compreensão e a abrangência dos saberes nos processos de aprendizagem, possibilitando assim aos educandos(as) e beneficiários(as) dos programas socioeducativos da Julita conteúdos que oportunizem e fortaleçam a construção de experiências pedagógicas significativas, conscientes e transformadoras.

Para potencializar o desenvolvimento em suas várias dimensões e nos processos de aprendizagem, a Fundação Julita criou, no ano de 2008, quatro Centros de referência especializados, sendo eles: Centro de Educação Ambiental, Centro de Educação em Cultura, Centro de Educação pelo Esporte e Centro de Promoção à Saúde. Os Centros atuam nos programas socioeducativos da Julita: Centro de Educação Infantil (CEI), Centro para a Criança e o Adolescente (CCA) e Centro para Juventude (CJ).

Desta forma, tem sido possível garantir uma maior abrangência de conhecimentos em torno dos ciclos de aprendizagem, possibilitando ações intersetoriais e multidisciplinares aos programas de atendimento da Julita. E, assim, nasce o Projeto Multissetorial, que, entre os anos de 2021 e 2022, recebeu recursos do FUMCAD (Fundo Municipal da Criança e do Adolescente), o que permitiu a continuidade das ações já desenvolvidas desde 2008.

Os centros promovem diversas ações, proporcionando aos beneficiários(as) diferentes vivências e a verticalização de conhecimentos em sua forma mais ampla e abrangente. Eles têm como premissa a garantia de direitos e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

Durante esses 15 anos de metodologia, conseguimos enxergar erros e desafios. E, por outra perspectiva, a maturidade do projeto com a integralidade das ações dos centros. E, assim, consideramos que este seria o momento de compartilharmos nossas práticas, com o intuito de outras organizações sociais e coletivos terem como uma referência para suas ações e propósitos.

Os desafios também nos ensinam e muito. Portanto, adotamos como linguagem o Diário de Bordo, ferramenta utilizada pelos(as) educadores(as) que os ajudam na reflexão sobre a prática, tendo em vista aprimorar os processos.

Nosso desejo é o de compartilhar um pouco de nossas experiências e práticas inter e multissetoriais, elencando algumas atividades realizadas com nossos(as) educandos(as), nas quais o processo integrativo de conteúdos fortaleceu ainda as nossas práticas pedagógicas.

Boa leitura! E troque mais com a gente pelo e-mail: coordenacao.pedagogica@fundacaojulita.org.br.

Estamos te esperando para uma conversa, trocas e aprendizados!



Elton Vitor

Coordenador pedagógico da Fundação Julita



Capítulo 1

ATIVIDADES MULTISSECTORIAIS



Alimentação Saudável, metodologia e trajetória

Por meio de cardápios elaborados por nutricionistas e com base no guia alimentar para a população brasileira, a Fundação Julita oferece 2.726 refeições* por dia (de segunda a sexta) para os (as) seus (suas) beneficiários(as), impactando na alimentação de 1.265 crianças, adolescentes e jovens* em situação de vulnerabilidade social. Sendo assim, toda a família passa a ser contemplada, pois os hábitos saudáveis são estendidos aos pais e aos seus outros filhos, beneficiando mais de 3 mil pessoas.

Além de permitir o acesso à alimentação, o projeto também realiza o monitoramento do estado nutricional dos(as) atendidos(as) por meio da leitura de dados fornecidos pela ação de coleta de peso e estatura, além de oferecer orientação alimentar e nutricional no intuito de conduzir indivíduos e coletivos na adoção de hábitos alimentares mais saudáveis, que promovam o bem-estar físico, mental e social. E, nos casos clínicos que apresentam necessidades de atendimentos específicos, são realizados encaminhamentos para outras especialidades.

Atividades de educação alimentar e nutricional são realizadas com educadores(as), educandos(as), famílias e comunidade através de jogos, dinâmicas, palestras, oficinas culinárias e vivências. Todo esse processo formativo impulsiona, por meio do conhecimento, o incentivo e a adesão a hábitos alimentares mais saudáveis.

Durante o projeto Multissetorial, somente no ano de 2022, realizamos **20 atividades da Feirinha** (leia mais na próxima página), envolvendo os(as) educandos(as) do Programa Primeira Infância e do Programa Criança e Adolescente da Fundação Julita. Participaram dessas atividades **480 educandos(as) e suas famílias**.

FEIRINHAS COM A PRIMEIRA INFÂNCIA



Frutas e
Legumes





feira já foi parte da nossa cultura familiar. Hoje em dia é raro as famílias circularem pelas feiras livres com seus filhos(as). As crianças têm pouco ou quase nenhum acesso a frutas, verduras e legumes. Os alimentos industrializados por serem mais baratos e “práticos” (já estão prontos) acabaram por substituir os alimentos *in natura*, o que se tornou uma das principais ameaças da segurança alimentar.

Desta reflexão, resolvemos fazer as atividades que chamamos de “Feirinhas”, com o objetivo de possibilitar a ampliação de repertório alimentar e estímulo à alimentação saudável. Com as crianças do Programa Primeira Infância, a proposta da Feirinha aconteceu durante todo o ano de 2022. Em conjunto com as educadoras da Educação Infantil, montamos uma ambientação de feira livre, com banquinhas, nas quais frutas, verduras e legumes ficariam expostas e ao alcance das crianças.

As crianças foram conduzidas a esse espaço e orientadas para escolherem os alimentos que gostariam de levar para suas casas. No ambiente familiar, a proposta era que a criança se envolvesse na preparação de uma refeição com os alimentos selecionados na feirinha, sob a supervisão e companhia dos pais, avós e irmãos, e que esse fosse um momento especial em família.

Durante a atividade percebemos quais alimentos *in natura* as crianças conheciam e reconheciam e quais estavam tendo contato pela primeira vez.

“Foi muito interessante a escolha do alimento pelo meu filho. Nunca tínhamos consumido esse alimento”.

“Foi um momento muito prazeroso em casa, com meu filho participando da preparação da refeição”.



DIA DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E VIDA ATIVA



Como atuamos com crianças, as famílias têm um papel fundamental para que hábitos mais saudáveis façam parte do dia a dia. E como demonstrar para a família que o cuidado com a alimentação e uma rotina de exercícios podem fazer toda a diferença na vida de seus(as) filhos(as)?

Com essa missão em vista, resolvemos unir forças e juntar nutricionistas do Centro de Saúde e educadores(as) físicos do Centro de Educação pelo Esporte, aliado aos jovens do projeto Comunidade em Movimento **(clique aqui e conheça mais na página 41)**, para pensarmos e propormos atividades voltadas à família no Dia da Alimentação Saudável. E este foi o nome dado à iniciativa, que somou à prática esportiva, sendo nomeada como: “Dia da Alimentação Saudável e Vida Ativa”.

Pensamos em uma programação bem diversificada, de educação alimentar e nutricional. As famílias tiveram contato com a feirinha, experiência já vivenciada pelos(as) seus(suas) filhos(as), e tiveram a oportunidade de escolher frutas, verduras e legumes para levarem para casa.

No percurso de aprendizado, montamos uma atividade lúdica chamada “Caixa Surpresa”. Foi bem divertido ver as famílias tentando descobrir qual alimento estava escondido na caixa, tendo como recurso apenas o tato.

As crianças presentes no evento passaram pela coleta de peso e estatura. Com base nessas informações, os nutricionistas orientaram os pais sobre o estado nutricional dos(as) seus(suas) filhos(as).



E como mudar hábitos também passa por conhecer novas experiências, as famílias puderam degustar águas aromatizadas e foram convidadas a participar da oficina de temperos naturais.

“Tem muita gente que diz não gostar de tomar água porque não tem gosto, então a água aromatizada pode ser uma alternativa até para incentivar a criança a beber mais água ‘com gostinho’ ”

Os temperos prontos são pouco ou nada saudáveis por conter muito sódio e conservantes. Nem todas as famílias sabiam dessas informações e alguns disseram optar pelos temperos prontos por praticidade. Então, fazer a oficina de temperos naturais conscientizou os pais, ao mesmo tempo que ofereceu uma possibilidade de substituição saudável no cardápio de casa.

Neste sentido também fizemos uma exposição para desestimular o consumo de alimentos industrializados processados e ultraprocessados. Montamos uma apresentação em que as famílias puderam conhecer a quantidade significativa de açúcar, sal e gordura presente em salgadinhos, biscoitos recheados, refrigerantes e outros alimentos. As famílias ficaram muito impactadas com a descoberta!

Pensamos em uma oficina para ensinar as famílias a entenderem os rótulos de alimentos. Tem informações importantíssimas nos rótulos para que se possa fazer escolhas mais saudáveis, mas decifrá-las nem sempre é tarefa fácil. Neste sentido, as nutricionistas orientaram aos pais sobre priorizar a qualidade da composição, evitando alimentos que agregam conservantes e corantes artificiais em sua formulação, além de instruírem sobre observar a lista de ingredientes nos rótulos: o primeiro ingrediente que aparece na lista é o que está presente em maior quantidade e assim por diante, em ordem decrescente.

As nutricionistas também alertaram para terem atenção aos valores de sódio e gordura trans, que, em elevadas proporções, comprometem a saúde. E, por fim, indicaram para observarem o prazo de validade.

Os pais de bebês puderam participar da palestra sobre aleitamento materno, que esclareceu dúvidas sobre esse processo e também listou os benefícios e a importância do leite materno ser oferecido até os dois anos de idade ou mais.

No fim deste dia, todos vivenciaram a prática de exercícios físicos, outro aliado essencial da vida saudável. Mas o ponto alto do dia foi a palestra que ensinou aos pais e às crianças a montarem um prato saudável, com diversidade de alimentos (tipos, nutrientes e calorias), que, aliás, ficou muito colorido e tinha de tudo: frutas, verduras, legumes e demais grupos alimentares importantes para o desenvolvimento humano. E, assim, finalizamos o “Dia da Alimentação Saudável e Vida Ativa” na Julita com todos almoçando esse prato “Nota 10 em saúde”.

DIA DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

CHECK-LIST

- ✓ Feirinha
- ✓ Percurso de aprendizado
- ✓ Coleta de peso e estatura
- ✓ Oficina de água aromatizada
- ✓ Oficina de temperos naturais
- ✓ Exposição de sódio, farinha e açúcar dos alimentos industrializados
- ✓ Oficina de leitura de rótulos
- ✓ Palestra sobre aleitamento materno
- ✓ Prática de exercícios físicos
- ✓ Palestra: Monte seu prato saudável

O PERCURSO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA JULITA





ngressei como nutricionista na Fundação Julita em 2016, depois de vivenciar a experiência como educadora social por 10 anos na organização.

Quando chego nesta nova função, o projeto de Alimentação Saudável já tem espaço e se apresenta como um grande potencial em sensibilizar pessoas para a adesão de hábitos alimentares mais saudáveis.

No caminhar, ganhamos parceiros que, mediante investimentos financeiros, possibilitaram reformas nas áreas de produção de alimentos e aquisição de novos equipamentos, garantindo estruturas adequadas para que cozinheiras e auxiliares colocassem em prática habilidades em despertar no outro o prazer em comer saudável.

E não foi só isso. O nosso refeitório, que recebe grande parte do público, também foi ampliado, tendo como estrutura um deck de madeira que proporcionou acolhimento, melhor ventilação e uma vista recheada de verde.

Neste compasso, os(as) colaboradores(as) foram capacitados por meio de treinamentos com temas influenciadores das boas práticas na fabricação de alimentos e tivemos a inclusão de procedimentos, fluxos e processos de monitoramento de controle de qualidade nas nossas cozinhas. Toda essa base refletiu na qualificação do cardápio, propiciando um repertório alimentar mais amplo aos nossos(as) atendidos(as). Saladas e legumes ganharam mais espaço no buffet, enquanto alimentos processados e ultraprocessados foram desaparecendo.

Também foi possível observar que, ao passo que as adequações tanto no gerenciamento de pessoas quanto nas estruturas que facilitam processos surgiam, conflitos que antes eram rotineiros na equipe foram se diluindo. Ao que tudo indicava, a motivação foi ativada através do processo de valorização do(a) colaborador(a).

Escutar e incluir o grupo nas tomadas de decisões foi um processo enriquecedor e fator decisório na mudança de comportamento do grupo. É preciso criar ambientes harmônicos, para que quem cuida seja cuidado.

Alimentos precisam ser produzidos com afeto para que suscitem laços afetivos com aqueles que o consomem.

Estrutura adequada, comida disponível, equipe preparada, tudo certo? Não! Esse foi o momento oportuno para engrenar o conhecimento como promotor de mudança de hábito. O indivíduo embasado através dos saberes se torna capaz de gerenciar escolhas que melhorem o seu estado de saúde e aumentem sua qualidade de vida. Pensando nisso, atividades de educação alimentar e nutricional foram intensificadas, envolvendo crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas idosas, sejam eles atendidos(as), educadores(as), familiares ou comunidade.

Envolver cada grupo neste processo formativo foi ganhando relevância, uma vez que compreendemos e praticamos a importância de alinhar o discurso com a prática e ver os protagonistas de estímulos estarem conectados na mesma linguagem, resultando no fortalecimento de metodologias de ensino.

Teatros, jogos, vivências culinárias, dinâmicas sobre alimentação saudável foram incorporadas ao plano de aprendizagem da organização.

Um outro aliado na busca de protagonizar o alimento como fonte de promoção da saúde, prevenção e tratamento de doenças foram os atendimentos de orientação nutricional.

Nas consultas individuais, tive acesso às diferentes histórias de vida, conheci as batalhas que as famílias enfrentam, principalmente daquelas que vivem em condições de extrema vulnerabilidade social; escutei relatos sobre as condições clínicas, presenciei como a má alimentação pode trazer prejuízos para a saúde das pessoas.

O projeto também foi ganhando corpo com ações de coleta de peso e estatura, que permitiram acompanhar o estado nutricional dos(as) atendidos(as). Também aplicamos um questionário alimentar para identificar o perfil e traçar ações que dialoguem com as reais necessidades de cada grupo.

Passaram-se quatro anos e chegamos em 2020 com essas metodologias consolidadas, porém uma pandemia por COVID-19 se instala e desencadeia uma crise financeira que impacta principalmente nos territórios mais vulneráveis, trazendo como agravante o crescimento da insegurança alimentar.

Neste momento, a Fundação conta com parceiros da rede pública e privada na contenção desse agravo, dando suporte para os(as) atendidos(as), comunidade e outras organizações sociais através da entrega de cestas básicas, cartões-benefício, kit de frutas, verduras e legumes e de higiene e limpeza. Ficamos na linha de frente do apoio às famílias mais vulneráveis.

Relatos de famílias que enalteceram a chegada da comida na mesa diante das dificuldades impulsionaram a continuidade do trabalho de enfrentamento da insegurança alimentar ao longo do período pandêmico.

Em 2021, acontece o retorno parcial dos(as) atendidos(as) e a área de Nutrição fica com o desafio de desestimular o consumo de alimentos processados e ultraprocessados ricos em açúcar, gordura e sódio, que foram consumidos com frequência pelas famílias durante o período pandêmico. Em contrapartida, a missão seria a de estimular o consumo de alimentos de alto valor nutricional como frutas, verduras e legumes.

E é nesse momento certo que dois projetos ligados à nutrição são aprovados e recebem recursos via Fundos da Criança e do Adolescente, possibilitando a contratação de mais duas nutricionistas que chegam para potencializar as ações de promoção à alimentação saudável, permitindo, assim, a chegada do projeto Feirinha, desenhado para apropriar aos educandos(as) conhecimentos sobre alimentação além de garantir o acesso das famílias a alimentos mais saudáveis.

Já em 2022, tivemos a retomada 100% das atividades presenciais, colocando as áreas de produção de alimentos na capacidade de servirem mais de 3.500 refeições diárias, sendo essencial esse serviço diante dos relatórios de aumento da insegurança alimentar. E, naquele mesmo ano, ganhamos outro parceiro que chegou com aporte financeiro para complementar a alimentação, o que nos possibilitou manter a qualidade da alimentação mesmo diante do aumento do preço dos alimentos.

Estamos no início de 2023 e começamos o ano utilizando as vivências e as experiências adquiridas até aqui como engrenagem na condução de propostas que fortaleçam práticas alimentares saudáveis. Agora é evidente quanto cada processo construído no coletivo foi essencial para chegarmos até aqui. Educadores(as), estagiários(as) de nutrição, nutricionistas, cozinheiras, auxiliares de cozinha, coordenadores, equipe multi e demais colaboradores(as) envolvidos e engajados no incentivo à adesão de melhores hábitos alimentares aumentaram as chances de sucesso do projeto.

O alimento abastece o corpo de energia e fornece a nutrição para o desenvolvimento físico, emocional e intelectual do indivíduo. Logo, ele é o combustível que conduz para o processo de aprendizagem.



O projeto de Nutrição da Julita realiza ações para minimizar o problema da insegurança alimentar. Atua na qualificação da alimentação servida aos(as) beneficiários(as), fornecendo calorias e nutrientes essenciais para a promoção da saúde e do aprendizado. Com o aumento de preço dos produtos e dos alimentos no mercado, o acesso a alimentos ricos (do ponto de vista nutricional) acaba ficando cada vez mais limitado no ambiente familiar.

Para muitas famílias, é somente aqui na Fundação Julita que seu(sua) filho(a) vai receber a nutrição adequada.



Evelyn Inouye Lopes, então coordenadora de Nutrição da organização.



OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA



METODOLOGIA E TRAJETÓRIA

Desde 2010, o Centro de Educação Ambiental da Fundação Julita vem atuando para desenvolver e praticar uma metodologia de educação ambiental, tendo como base a permacultura. Nestes anos, experimentou diversos desafios e percalços até estabelecer na organização a metodologia Os Quatro Elementos da Natureza, que, a partir de educadores(as) ambientais, é promovida em todos os programas de atendimento, com relevância significativa na primeira e segunda infâncias.

Em 2022, um dos elementos em destaque foi o da terra. Foram realizadas atividades diferenciadas, de acordo com a faixa de idade dos(as) beneficiários(as) da Julita. Com crianças de 4 a 7 anos e jovens de até 14 anos, envolveu um itinerário para conhecer e provar as Plantas Alimentícias não Convencionais (PANCs) e, após as descobertas, foram elaboradas receitas a partir dos alimentos.

A segunda atividade, que foi objeto de Trabalho de Conclusão de Curso dos(as) beneficiários(as) do Programa Juventude, consistiu na construção de uma parede de hiperadobe (técnica de bioconstrução).

E a terceira atividade escolhida para esse relato, realizada com o Programa Primeira Infância, foi: Brincadeiras com terra. Desta forma, pretendemos ilustrar o trabalho realizado com cada uma das faixas de idade atendidas.

PERCURSO PANCS



Com o objetivo de aproximar os(as) educandos(as) da biodiversidade florística dentro da Fundação Julita e revelar a grande variedade de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), realizamos a atividade Percurso PANCs, envolvendo educandos(as) do Programa Ipezinho (4 a 7 anos) e Programa Juventude.

Uma vez por mês, conduzimos as crianças para vivências práticas em contato com a natureza. Ali, elas puderam conhecer as PANCs, entre elas: Celósia, Primavera, Flor de Coentro, Pata de Vaca, Cosmos, Flor de Assa Peixe e muitas outras.

O percurso não parava por ali. Levamos as crianças para vivências práticas no laboratório de culinária do curso de Confeitaria e Panificação. E, com as “plantas de comer” (como são chamadas carinhosamente as PANCs), as crianças se dedicaram a fazer alguma receita, tendo a companhia e o olhar atento dos(as) jovens educandos(as) que fazem o curso de Culinária. Elas fizeram várias receitas, como focaccia e cookies com flores de Cosmos e Primavera.

Realizamos esse projeto por quatro meses e, analisando o seu desenvolvimento, observamos que a sequência didática permitiu que as crianças criassem um vínculo maior com as plantas, além de enriquecer o conhecimento sobre as mesmas. Em muitos casos, normalmente percebíamos, em experiências anteriores, uma resistência maior caso esse contato não tivesse sido constante.

PRIMEIRO DIA DO TRAJETO

Levamos as crianças para conhecerem a Alfavaca. Contamos que essa planta é utilizada para preparos de chás e também em temperos para pratos quentes. E que a parte da Alfavaca utilizada na culinária são as folhas.

Demos uma folha de alfavaca para cada criança sentir o seu cheiro. Foi curioso perceber a divisão de opiniões: algumas crianças gostaram bastante do cheiro e outras acharam muito forte.

Após a experimentação do cheiro, apresentamos às crianças as sementes da alfavaca e explicamos que, a partir delas, semeamos outras plantas da espécie. Daí propusemos para as crianças construir “bombas de sementes”, que são representadas através de bolinhas de argila com sementes dentro. Após a construção, as crianças fizeram um combinado conosco de jogarem as sementes pelo bairro.

“Construir ‘bombas de sementes’ é uma forma poética de soltar sementes por diversos terrenos com a intenção de dispersar essas plantas em diversos locais”.

Beatriz Carolina Santana,
educadora ambiental.



SEGUNDO DIA DO TRAJETO

No segundo dia do percurso, as crianças foram convidadas a conhecer o Assa Peixe e a Uvaia. Não ofertamos essas plantas como alimento para as crianças, mas fazia parte do experimento tocar e sentir as plantinhas (aroma, tato). Antes disso, costumamos reunir as crianças para uma conversa em roda em que partilhamos algumas informações importantes. Explicamos que a planta Assa Peixe pode ser usada para a produção de mel e a parte da planta utilizada para isso são as suas flores.

Como proposta de brincadeira, além do conhecimento técnico da PANC apresentada, realizamos uma atividade na qual as crianças puderam assoprar os frutos do Assa Peixe. O ato de assoprar faz com que todos os frutos saiam voando, bem parecido com o dente de leão.

Após a brincadeira, conduzimos o grupo até outro espaço na Fazendinha da Julita para conhecer uma outra planta: a Uvaia. Explicamos que a Uvaia não é uma Planta Alimentícia não Convencional por se tratar de um arbusto com frutos popularmente conhecidos, mesmo não sendo do nosso território. As crianças receberam e puderam provar a Uvaia. Foi bem divertido porque a fruta é azedinha. Então, elas fizeram “caras e bocas” ao provarem. Muitos disseram que gostaram e até repetiram algumas vezes a experimentação.



BIOCONSTRUÇÃO



Planejamos um mês para a construção da parede de hiperadobe. A atividade foi direcionada aos(as) educandos(as) do Programa Juventude, com o objetivo de trazer ao conhecimento técnicas que possam ser uma alternativa às problemáticas socioambientais, tais como a garantia do direito à moradia.

Como possibilidade de ser a temática do projeto de conclusão de curso dos(as) educandos(as), a proposta inicial seria passar por diversas técnicas de bioconstrução. Por conta do imprevisto do clima, de alguns encontros terem chovido, precisamos partir para o Plano B, uma adaptação na qual escolhemos apenas uma técnica para realizar: o hiperadobe.

Dividimos os encontros em três etapas:

1) Movimentação de terra: Ao construir uma parede utilizando as técnicas da bioconstrução, é necessário a separação prévia de algumas ferramentas e elementos. Nesse caso, demos destaque à terra. Dividimos os(as) educandos(as) em grupos para retirada de terra de um ponto específico da Fundação Julita, direcionando essa terra para o ponto de construção da parede.

Explicamos ao grupo que não se pode tirar terra de qualquer local. Primeiro, é preciso fazer uma observação do espaço para, depois, proceder à retirada da terra. Orientamos o grupo a pegar as ferramentas necessárias, sendo elas: pá, enxada e carrinho de mão. E fomos explicando a função de cada uma dessas ferramentas e a forma correta do seu manejo.

De uma forma muito natural, o grupo se dividiu nas demandas. Alguns ficaram responsáveis em manejar a terra com a enxada, outros em colocar a terra no carrinho e outros em levar até o quiosque.

Essa atividade ficou definida como uma ação que seria executada ao longo do mês todo devido à grande quantidade de terra demandada para a construção da parede.

2) Construção do socador: Além da terra, é necessário também a utilização de uma ferramenta específica chamada socador. O socador é responsável em nivelar a terra conforme vamos adicionando um saco em cima de outro. É, a partir dele, que garantimos uma parede bem estruturada e reta. Os(as) educandos(as) puderam aprender a construir essa ferramenta, utilizando troncos, ripas, pregos e martelo.

3) Construção da parede: Dando continuidade ao processo de construção, orientamos aos grupos para se concentrarem somente na parede por uma questão de foco, pois estávamos perto da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso. Conversamos com o grupo que não seria possível finalizar a parede por completo e isso não seria um problema, pois o processo era mais importante que o resultado final, principalmente partindo da construção de algo que precisa ser feito com calma, sem acelerar, para não afetar o resultado final.

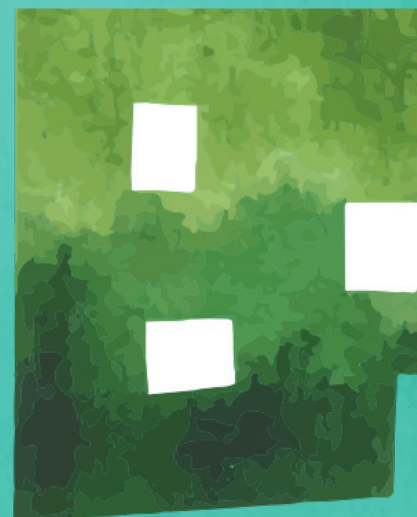
CONSTRUÇÃO DA PAREDE DE HIPERADOBE

CHECK-LIST

- ✓ Reflexão sobre o direito à moradia e as diversas formas de se construir uma casa
- ✓ A casa de hiperadobe
- ✓ Mãos à obra: movimentação da terra
- ✓ Construção do socador
- ✓ Construção da parede
- ✓ Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso

Pontos a melhorar

Contar com imprevistos como a imprevisibilidade do clima



BRINCADEIRA COM TERRA



Com o grupo do Programa Primeira Infância, realizamos uma brincadeira tendo como destaque o elemento terra. Promovemos atividades com massinhas, feitas a partir da mistura de água e terra. Também incluímos à vivência atividades livres para as crianças trabalharem a criatividade e a imaginação. Elas construíram várias coisas com a moldura de terra e água.

Esse tipo de massinha é uma alternativa ambiental ao produto industrializado, à massinha comprada nas lojas, e ainda uma ótima oportunidade das crianças mexerem e se envolverem com o elemento terra.

Curioso observar que algumas crianças possuem muita resistência em tocar na terra, afinal é um elemento da natureza ao qual estamos nos afastando vivendo nas grandes cidades. Entretanto, com esse tipo de vivência, notamos que essa barreira vai aos poucos sendo superada.

Relato dos educadores

“Kiara fez a família, cupcake e um boneco. Emily fez bolo, Paola fez um monstro e bolo, Joaquim fez uma cenoura, Pedro fez pizza”.

“Luiz não aceitou participar, pois não gosta da mistura de terra e água e preferiu brincar com areia”.

“Alice adorou brincar dessa vez.

Nas atividades anteriores, ela não gostou da textura, mas nesta atividade ela conseguiu explorar e se divertir com a nossa proposta”.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA JULITA



Inciei na Julita para implantar o desenho permacultural que tinha desenvolvido para a organização. Pensei que minha atuação seria mais focada nas atividades de permacultura, ligadas à educação ambiental. Até que fui tendo a dimensão da atuação nos programas e que precisaria criar uma metodologia pedagógica. Tinha um ponto de partida: queria fugir da atividade de educação ambiental pontual da escola, que se concentra em reciclagem. Então, pensei na educação ambiental como um processo continuado.

A primeira experiência foi na creche, com horta. Fizemos horta mandala, de pet, espiral, em pneus, sapateira. Todas as hortas não duraram mais de uma semana e também fui percebendo que a manutenção da horta era uma rotina muito puxada para as educadoras. Além de que não sentia que existia um interesse genuíno de colocar a mão na terra. Foi um momento em que fiquei perdida para onde iria. Daí, em uma conversa avaliativa com a coordenadora da creche, tive o insight da criação dos quatro elementos.

Construí a dinâmica dos quatro elementos na educação infantil dividindo as faixas etárias por elemento e integrando com as fases da criança. O primeiro contato do bebê, ainda na barriga da mãe, é com a água. Depois, nasce e precisa respirar; vem o ar. Precisa se manter aquecido com o calor; daí o fogo. Até que começa a engatinhar, em contato com a terra. A partir dessa ideia, criamos as “crianças da água”, que é de zero a um ano; as “crianças do ar”, que é de 1 a 2 anos; “do fogo”, de 2 a 3 anos e “da terra”, de 3 a 4 anos. E aí fui refletindo quais são as habilidades e as funções de cada elemento para ir construindo, a partir daí, o que poderia ser feito em termos de atividades com essas faixas etárias e os respectivos elementos.

Além das atividades com os(as) beneficiários(as), o Centro Ambiental atua, sobretudo, na formação das educadoras. Sou formada em biologia e elas são formadas em pedagogia. Portanto, elas é que podem transformar o conhecimento de educação ambiental em algo que a criança acesse. Como não deu certo o projeto da horta, tinha de trazer uma proposta a qual elas pudessem se encantar, acreditar e que se sentissem convidadas a participar. Daí chamei a criança delas para brincar!

Vencemos algumas limitações de conexão das educadoras com os elementos durante as vivências de formação: uma educadora, por exemplo, relatou que nunca tinha conseguido tocar a terra e pôde quebrar aquilo, aquele bloqueio. Também teve a questão com o fogo, que era perigoso. Mas daí trouxe a reflexão que todo elemento poderia ser perigoso se fora de controle, como a água.

A partir dessa formação, a gente começou a desenvolver um processo formativo também com os pais. Entendemos que precisávamos convidar os pais a participarem desse processo dos quatro elementos, porque tinha essa queixa das educadoras de que: “Ah, mas se a criança for suja de barro pra casa os pais não vão gostar!”

“E se a criança chegar em casa falando que tomou banho de chuva... Nossa! Será que os pais vão gostar?”. Mas nada disso aconteceu porque a gente fez a formação com as famílias, o que também entrou na metodologia e, anualmente, fazemos essa conversa com eles.

Com os pais, também teve um processo de resgate da criança deles, da infância, até que eles pudessem entender a importância de um projeto como esse, de se brincar na natureza. Sobretudo em uma sociedade em que a criança não pode mais acessar a rua, porque é perigoso; que não tem mais praça, área verde. Que os pais se sentem culpados porque os filhos só ficam no celular.

Também fortaleço muito nessa conversa a importância da Fundação Julita como esse espaço verde de conexão. Eu trago também às famílias o papel que a natureza tem na imunidade e no desenvolvimento das crianças. Trago pesquisas científicas que demonstram o fortalecimento da imunidade da criança que tem contato com solo de floresta.

Uma das referências que eu trago nas formações é a do banho de floresta que os japoneses fazem para que possam entender a importância da natureza, não só nessa coisa do brincar livre, da expressão corporal e conectada com a natureza, mas da saúde mesmo, dessa importância do contato para a saúde. E isso de brincar junto. Eu sempre deixo esse convite muito expresso que é “quando chamar uma criança pra brincar leve a sua também!”, e tem funcionado muito...

Aprendemos aqui que a educação ambiental tem que começar muito cedo, já na primeira infância, para vencer a resistência de contato que pode aparecer depois por não terem essa vivência. Até chegar em questões mais complexas, com a juventude. Daí são outras perguntas: “E esse esgoto correndo aqui, será que não dava pra resolver?”. “E essa comunidade empobrecida, com pouco acesso, com condições extremas de moradia, casas que não tem janela, sem ventilação natural, extremamente mofada, cheia de ácaros, com acúmulo de sujeira, esgoto passando na frente?”. “Isso é natural ou não temos outra referência?”.

Para chegar de uma ponta a outra, em uma metodologia continuada, usei como referência um projeto chamado “Criando Habitats”, do IPEC, Instituto de Permacultura do Cerrado. Eles têm um livro que mostra possíveis atividades de criação de habitats pra ir trabalhando com as crianças os conceitos de permacultura. Só que, antes disso, era preciso um momento de transição entre as metodologias Os Quatro Elementos da Natureza e o Criando Habitats, sendo que esse último seria direcionado para as faixas de crianças maiores e adolescentes. Daí surgiu A Dança dos Quatro Elementos da Natureza, que possibilitou que a natureza fizesse parte de uma brincadeira, de uma experiência gostosa, de algo vivencial.

Tive um convite muito precioso do gestor da Julita: “Experimente... Aqui você pode experimentar!”. Então isso me deu uma liberdade. Não precisei buscar referências ou modelos existentes e que deram certo. Criamos o modelo Fundação Julita, que é pensado para esse território. Paralelamente aos Quatro Elementos, também trabalhamos muito forte o respeito à existência de outros seres vivos na Julita; para que uma borboleta, um patinho ou uma rosa não virem um alvo perante nossa ignorância.

Para que todos reconheçam que aquele é um ser vivo, que precisa existir e, para isso, precisamos respeitar os espaços. Conseguimos desenvolver esse cuidado com os seres, até com os que eram tidos, injustamente, como perigosos.



A permacultura trabalha dentro desse contexto de usar o conhecimento para construirmos comunidades mais resilientes, mais participativas, de uma forma que a educação possa nos servir. Que tal usar a matemática, a química e a física para aprender a construir casas? A química e a física para tratar água? Vamos aprender plantar uma árvore para recuperar um solo? Vamos usar as disciplinas para fomentar aquilo que faz parte e que é necessário para nossa existência? Diferente do que acontece muito na escola. Na Julita, tentamos fazer outros caminhos, propondo alternativas para os problemas ambientais do território.



Flávia Cremonesi, coordenadora do Centro de Educação Ambiental da Julita.



CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO E O BRINCAR



METODOLOGIA E TRAJETÓRIA

O Centro de Educação pelo Esporte da Julita desenvolve atividades recreativas e esportivas em todos os programas da organização. Com as crianças das primeira e segunda infâncias, as ações têm centralidade no brincar e seu potencial para o desenvolvimento integral, tendo como referência metodológica: a Cultura Corporal do Movimento.

Neste sentido, profissionais de Educação Física e educandos(as) que participam do curso Jovens Monitores em Esporte planejam e executam oficinas com foco no brincar, como a de “Jogos e Brincadeiras”, voltada para crianças de 6 a 10 anos, “Ferinhas na Julita” e “Circuito de Brincadeiras” (4 meses a 3 anos) e “Férias na Julita” (de 4 a 15 anos).

A Oficina de Jogos e Brincadeiras acontece por meio da oferta plural de brincadeiras tradicionais e contemporâneas, bem como pequenos jogos (queimada e suas variações, mini futsal, circuitos psicomotores, estafetas, pega bandeira, limpa casa etc.) , que são ferramentas para ampliação de repertório motor e cognitivo das crianças.

Os jovens monitores são educandos(as) que participam do projeto de formação em monitoria esportiva, oferecido pela Fundação Julita. Como proposta para compartilhar os conhecimentos adquiridos durante o curso, os jovens, em conjunto com educadores(as) de referência, realizam as atividades: Férias e Ferinhas da Julita.

Após o curso de monitoria esportiva, alguns jovens ingressam no projeto “Comunidade em Movimento” da Julita, que oferece bolsa-auxílio e acompanhamento para jovens universitários nas áreas de Educação Física, Pedagogia e Psicologia. Em contrapartida, os universitários realizam atividades na organização com todos os públicos atendidos.

As ações do Férias e Ferinhas são realizadas durante o período de férias escolares, sendo que os jovens têm a oportunidade de aplicar técnicas de mediação, proporcionando momentos de ludicidade e integração entre os jovens, crianças e adolescentes, por meio de uma jornada de atividades recreativas e esportivas, composta por jogos convencionais e não convencionais que trabalham valores, protagonismo e aspectos de desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social.

Acreditando na potência do brincar, as famílias são convidadas esporadicamente para participarem e interajam com as ações propostas.



BRINCADEIRA EM FAMÍLIA



Com o objetivo de promover um dia de integração em família, realizamos um encontro para familiares de educandos(as) das oficinas “Jogos e Brincadeiras”. Pensando na família como um elemento fundamental para a promoção do direito ao brincar, planejamos a atividade com o intuito de valorizar o brincar por meio de jogos, brincadeiras e do recurso do audiovisual.

Neste evento, os(as) educadores(as) do Centro de Educação pelo Esporte contaram com o apoio dos jovens universitários do projeto “Comunidade em Movimento”.

Iniciamos nosso encontro acolhendo as famílias no auditório da Fundação Julita. Apresentamos a proposta do dia e realizamos a exibição do curta “Brincar livre: De dentro para fora”, uma produção do Instituto Alana, em parceria com o Território do Brincar.

O documentário mostra o dia a dia vivido por famílias de diferentes classes sociais no cenário pandêmico, transitando pelo mundo da criança e pelas estratégias dos familiares para garantir “momentos de brincar”.

Utilizamos o recurso do filme para dialogarmos com as pessoas presentes sobre a importância do brincar para nossas crianças. Ouvimos diversos relatos das famílias e das crianças sobre a forma como brincavam ou ainda brincam. As crianças relataram seu momento de vida e os adultos relembrou sua infância.

Durante o evento, observamos alguns adultos ensinando cantigas para pular corda ou a forma certa de rodar um pião ou jogando e desenhando com as crianças presentes. Em uma interatividade e envolvimento muito importantes, para a formação de vínculo e afetividade.

No total, 105 pessoas foram atendidas, entre crianças e famílias.

Relatos livres de famílias e crianças

“O dia de hoje na Fundação foi maravilhoso”. “Teve muita coisa legal”. “Maravilhoso, muito bom esse espaço”.

“Foi ótimo, principalmente o fut”.

“Muito bom a prática de brincadeiras com as crianças”.



CIRCUITO DAS BRINCADEIRAS



Realizamos uma semana de ações envolvendo a temática da arte com a participação do grupo de berçário II do Programa Primeira Infância, com crianças de 2 anos de idade. Esta semana acontece anualmente.

Nesta atividade, a educadora referência do grupo contou com o apoio da educadora social de Educomunicação da Julita.

Tivemos como proposta envolver as crianças com a arte por meio da pintura em diversos contextos, utilizando borrifadores, pincéis, giz carvão, argila e tintas em diferentes texturas. Apresentamos, inclusive, a possibilidade de preparação de tintas naturais, algumas feitas a partir de elementos presentes na natureza da Julita, tais como: cúrcuma, plantinhas verdes, amora e beterraba.

Também planejamos uma proposta em família, na qual convidamos os familiares e as crianças a explorarem a pintura em tela, com tinta de barro (uma proposta ambiental). A atividade tinha sido feita com as crianças na semana e foi apresentada às famílias. Depois, foi sugerido que eles também fizessem uma pintura e compartilhassem o significado.

Após a atividade, os pais foram convidados a compartilhar o resultado conosco e, assim, realizamos uma exposição para bebês e famílias apreciarem as obras de arte produzidas.

Percebemos que a atividade foi bastante significativa para os familiares e também para as crianças. Tivemos uma participação excelente das famílias, assim como um retorno muito positivo via agenda ou por fotos enviadas pelo whatsapp.

DIA DA BAGUNÇA



Realizamos a atividade Dia da Bagunça como um fechamento do trabalho do semestre com o Programa Ipezinho (crianças de 4 a 6 anos), que teve como tema gerador: sentimentos.

Abordamos com o grupo a felicidade através do brincar livre, “bagunçar”. Elaboramos a proposta pedagógica após falas das crianças, tais como:

“Os adultos não nos deixam brincar, nos dizem que a gente faz bagunça”.

O objetivo era o de, por meio da brincadeira, discutir o direito ao brincar de toda criança, e também a responsabilidade que cada um deve ter com a organização. Ou seja, é estimulado que as crianças tenham como compromisso a organização do espaço após o momento de brincar, por exemplo, guardando os materiais que usaram nos devidos lugares e, se houver necessidade de realocar móveis, reorganizar.

Inicialmente, pretendíamos promover uma “super bagunça” realizando um tobogã para as crianças escorregarem na água, porém o tempo não ajudou e daí optamos pelo circo. Teve pernas de pau, cama elástica, propostas de pirâmides e rolamentos. Contamos com a ajuda dos jovens do projeto “Comunidade em Movimento” para que tivéssemos uma segurança maior por conta dos dois grupos (manhã e tarde) estarem juntos.

A atividade fluiu muito bem, deixamos as crianças livres para a “bagunça” e o brincar, acompanhando de pertinho para evitar risco de machucados. Foi uma atividade que exigiu bastante organização e atenção para possíveis riscos, sem que se tirasse a liberdade das crianças em brincar.

Após o término do tempo da brincadeira, as crianças organizaram a própria “bagunça” e conversamos sobre o direito que elas têm de brincar. Perguntamos qual sentimento eles estavam sentindo no momento e obtivemos como resposta que “estavam felizes”.



QUANTO EU TINHA SUA IDADE





Atividade de fechamento da oficina de Cultura Corporal do Movimento realizada no Programa Criança e Adolescente foi chamada de: “Quando eu tinha sua idade” e partiu do tema gerador: adultocentrismo.

Realizamos um mapeamento de jogos e brincadeiras que os pais dos educandos(as) realizavam quando criança, objetivando incentivá-los a brincar.

“Foi muito impactante para as crianças descobrirem que os pais também brincavam quando tinham a idade deles e que brincavam de muitas das brincadeiras que eles brincam até hoje”.

Para finalizarmos esse trabalho, fizemos um encontro com as famílias no fim de semana e discutimos a importância de garantir o direito que as crianças têm ao brincar. No dia, também promovemos uma contação de história e garantimos um momento em que os responsáveis e educandos(as) pudessem brincar junto com seus pais, em um encontro intergeracional.

Para brincarem, propusemos as mesmas brincadeiras que recebemos nos bilhetes, as que os pais mais brincavam quando crianças”.

FEIRINHAS E FÉRIAS NA JULITA





O evento Ferinhas na Julita (em uma licença poética, criamos um diminutivo para Férias) é proposto pelo grupo “Jovens Monitores em Esporte”, com o intuito de promover atividades esportivas e recreativas para crianças do Programa Primeira Infância.

Realizamos as ações durante as férias escolares. São quatro dias de atividades que trabalham aspectos como: coordenação motora e estímulo à imaginação. Como estratégias, utilizamos as mais diversas linguagens, entre elas: esporte, circo, brincadeiras, música e dança.

Ficamos encantados ao observar como tais propostas foram convidativas para as crianças. A atividade foi realizada com 249 bebês e crianças.

Relatos de educadores(as)

“As crianças se envolveram e demonstraram alegria em participar das brincadeiras em que foram convidadas a explorarem suas habilidades motoras”.

Rosângela Aparecida de Souza

“Estou muito feliz de trabalhar com crianças pequenas e quero mais momentos como esses na minha vida profissional”.

Bruno Cunha

FÉRIAS NA JULITA

Propusemos ações para crianças a partir dos 4 anos de idade durante o período de férias escolares. Tanto jovens monitores como os jovens universitários do “Comunidade em Movimento” participaram do planejamento e execução das atividades do Férias na Julita.

Realizamos a mediação das atividades, dispostas em um calendário de 10 dias. É como se fosse uma jornada de atividades recreativas e esportivas, envolvendo jogos convencionais e não convencionais, tais como: Futsal, Futvôlei, Ping-pong, Pebolim, Tchoukball, Roundnet, Pebolim Humano, Estafetas, Queimadas (coração, jokempô, e cone), Base 6, Hóquei na Quadra, Tirolesa, Skate, Highline, Slackline, Parkour, Orientação de Bússola, Tobogã, Esquibumbol, Boliche Humano, Attack Ball, Circuito Bravus, Divergente, Cabra-Ceja, Variações de pega-pega, Dia de Gincanas - corridas, estafetas, cabo de guerra, circuito vendados e desafios, Caça ao tesouro, entre outras.

Também fazia parte da programação: atividades culturais e ambientais (produção de pipa, confecção de miçangas, mandalas, pintura de rosto, show de talentos, maracatu, fogueira, impressão botânica etc.).

Em cada proposta, nossa intenção foi criar momentos de ludicidade e integração, reforçando vínculos comunitários, afetivos e sociais.

No que diz respeito aos jovens monitores, observamos um grande avanço em relação à postura do coletivo diante de um grupo no papel agora de educadores(as).

Dentro da metodologia de Atividades Integradas (*leia mais abaixo*), tivemos neste evento a participação do Centro de Educação Ambiental, Centro de Promoção à Saúde e do Centro de Educação em Cultura. Cada um deles desenvolveu atividades ligadas às suas especificidades (Maracatu, Ciranda, Jogo de empilhar gravetos, Jogos relacionados à saúde, Escorrega na folha de palmeira, Caça ao tesouro, Cantinhos da Leitura, Jogos e Espaço de mediação criativa: Desenhos e construção de histórias, Fogueira e Impressão botânica), enriquecendo a proposta do Férias na Julita.

“Os(as) educadores(as) dos Programas e Centros classificaram o desempenho dos jovens (monitores) como muito satisfatório, ressaltando a coletividade durante todo o processo de execução das atividades.”

Levy Santos, na época educador do grupo Jovens Monitores em Esporte

A TRAJETÓRIA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO PELO ESPORTE





Cultura Corporal de Movimento (CCM) é uma das metodologias, carro-chefe, que embasa a atuação do Centro de Educação pelo Esporte, desde sua concepção. Em atuação com os Programas Primeira Infância e Criança e Adolescente, a Cultura Corporal do Movimento é como uma bússola, norteando nossa práxis com os(as) atendidos(as) na Fundação Julita.

O Centro de Educação pelo Esporte é composto por profissionais formados ou formandos no curso de Graduação em Educação Física. Não são todas as universidades que possuem no currículo a proposta de aprendizagem dessa metodologia. Neste sentido, alguns profissionais que iniciam conosco não a conhecem.

Por isso, estão previstos encontros formativos sobre essa metodologia em nosso ciclo anual de formações, nos quais indicamos referenciais teóricos, como as obras dos professores Neira e Nunes¹, para ampliação de conhecimento da equipe e alinhamento da nossa atuação.

Uma vez contratados na organização, nossos jovens quando egressos do projeto Jovens Monitores em Esporte já estão familiarizados com a metodologia, haja vista que a abordagem está prevista como conteúdo do projeto para os mesmos. Portanto, eles compreendem com clareza quais as premissas, objetivos e resultados que esperamos, quando atuamos com a Cultura Corporal do Movimento.

¹Referência bibliográficas: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006. NEIRA, M. G. e NUNES, M. L. F. Educação Física, currículo e cultura. São Paulo: Phorte, 2009.

Uma vez contratados na organização, nossos jovens quando egressos do projeto Jovens Monitores em Esporte já estão familiarizados com a metodologia, haja vista que a abordagem está prevista como conteúdo do projeto para os mesmos. Portanto, eles compreendem com clareza quais as premissas, objetivos e resultados que esperamos, quando atuamos com a Cultura Corporal do Movimento.

Por meio desta metodologia, discutimos os marcadores que nos permeiam socialmente e perpassam por etapas no processo pedagógico que nos permitem desvelar, denunciar, discutir, aprofundar e realizar uma leitura crítica do mundo. Deste modo, podemos, de forma mais consciente, enxergar o abismo da desigualdade social e intervir nas injustiças.

Neste contexto, buscamos, por meio da Cultura Corporal do Movimento, a pluralidade de experiências corporais, com as vivências ofertadas que perpassam por uma diversidade de práticas corporais como lutas, danças, brincadeiras, ginásticas, práticas circenses, esportes, brinquedos e jogos. Além disso, buscamos a valorização dos conhecimentos e cultura das famílias e da comunidade, tendo como ponto de partida as sequências didáticas, sempre a partir de práticas advindas do convívio familiar e comunitário, valorizando o conhecimento do núcleo familiar e do território.

A metodologia também visa à formação crítica, pois, para além das experimentações motoras, prevemos o contato com elementos históricos, acesso ao contexto social e cultural da prática vivenciada, análise e reflexão sobre as mesmas e suas manifestações desde a fundação até o presente momento, visando o reconhecimento das diferenças e a construção/manutenção do ambiente democrático, facilitando a leitura crítica de mundo e evidenciando a desigualdade social.

A marginalização de práticas corporais, levam os(as) educandos(as) a se manifestar de forma rasa, preconceituosa, reproduzindo o reflexo da grande sociedade, de modo conservador. No processo de desenvolvimento das nossas propostas, pluralizamos para democratizar o acesso, ampliando o repertório motor e conceitual das crianças e adolescentes e, conseqüentemente, a forma na qual visualizavam aquela prática.

No nosso processo pedagógico, definimos fases sequenciais que auxiliam no planejamento e seguem uma ordem, embora elas possam acontecer em outros momentos do processo, que são:

1. Mapeamento de Saberes, momento importante para identificarmos como é esse território e como as crianças e adolescentes estão se relacionando dentro do grupo e na comunidade. Contribui para educadores(as) entenderem as práticas corporais presentes na comunidade e as que acontecem genuinamente na própria Fundação e outros espaços de socialização. Traz a resposta de como essas práticas acontecem, quem as organiza, como se dão as relações (inclusive de poder, ditado por um determinado grupo) etc.

Já o mapeamento de práticas corporais de grupos e seus integrantes tem o intuito de identificar a cultura corporal presente nas manifestações das crianças e adolescentes.

A partir destas informações é que serão definidas as práticas-tema para os grupos e as propostas de intervenção a serem desenvolvidas no decorrer do semestre.

2. Em seguida, viabilizamos momentos para a **Socialização de Saberes**, essa fase acontece logo após a escolha da prática-tema. Consiste no momento da sequência didática em que é facilitada a troca de conhecimentos acerca da temática. Desta forma, as crianças e os adolescentes possuem liberdade para compartilharem o que sabem e são acolhidas no momento da partilha.

Propomos também experimentações de movimentos de cada prática corporal, além de rodas de conversa sobre técnicas, regras, organização de times, jogos e o que conhecem ou ouviram falar acerca dela (da prática). Neste momento, o(a) educador(a) vai acessar mais informações com relação ao que o grupo tem de conhecimento, crenças e pensamentos mesmo que no campo da reprodução, o que normalmente vem somado a discursos opressores, preconceituosos que marginalizam. São mais elementos para que o(a) educador(a) possa trabalhar na próxima fase.

3. Dando sequência, seguimos para a **Ampliação de Saberes**, fase de principal intervenção o(a) educador(a). Com o objetivo de elevar os conhecimentos das crianças e adolescentes, o(a) educador(a) apresenta o que possui de conhecimento para que o grupo possa aprender (mais e melhor) acerca de gestos motores, aproximação às regras institucionalizadas, aspectos históricos da prática-tema, permitindo que o coletivo acesse informações que ainda não conheciam, das questões relacionadas à prática.

A partir de recursos audiovisuais, reportagens e da literatura, também será feita a apreciação, análise e debate sobre cada prática-tema, a fim de auxiliar a ampliar os olhares acerca da prática corporal. Nesta fase, é onde se compreende quem se beneficia da manutenção de uma sociedade preconceituosa, intolerante e segregante.

4. Esperamos que, após as fases anteriores, os(as) educandos(as) passem pelo processo de **Ressignificação**, haja vista que nos processos descritos acima será possível identificar significados que os mesmos atribuem à prática-tema, assim como a constatação de processos de exclusão/marginalização e opressão.

Em um exemplo de abordagem de sequência didática em que a prática-tema é o voleibol, algumas crianças e adolescentes podem atribuir à prática discursos preconceituosos e, pela falta de contato, quem não desenvolveu habilidade, por qualquer motivo, pode encontrar dificuldades de participar de jogos em suas regras “oficiais”.

Diante deste cenário, é proposta a reflexão coletiva que levará o grupo a olhar suas crenças e “verdades” com outras óticas e modificar as regras, a dar novo significado à prática, em nome da inclusão, dos interesses coletivos.

Para estimular a reflexão e a transformação dos processos de exclusão, educadores(as) fazem a mediação e apresentam materiais pedagógicos, mas não propõem a resolução das questões levantadas, a fim de que as crianças e adolescentes beneficiados possam ter a chance de refletir, agir e transformar. Assim, como no processo, também são discutidas conceituações prévias atribuídas à prática, na qual é possível que determinados grupos sejam oprimidos. A resignificação provoca um outro olhar, um novo significado.

5. Por fim, porém não menos importante, pode acontecer uma **Produção Cultural**, que tem como objetivo de que crianças e adolescentes se reconheçam como reprodutores de cultura. Esta etapa é a finalização de todas as sequências didáticas.

Nesta ação, é possível educandos(as) mostrarem o que aprenderam no período; não só do ponto de vista motor, mas também das inclusões geradas e desconstruções atingidas, a partir das vivências e debates ocorridos.

A criatividade é estimulada neste processo. Sendo assim, o grupo pode produzir blogs, vídeos, painéis, criar ou adaptar um determinado jogo etc., o que não se torna obrigatório. Porém, é incentivado.

Reitero que as fases se movimentam conforme a necessidade apresentada pelo grupo. Por exemplo, apesar de termos o mapeamento no início do processo, o(a) educador(a) mapeia durante todas as outras fases, ou seja, está constantemente com um olhar e escuta plenos para o desenvolvimento pedagógico do grupo.

Para cada faixa etária, o Programa realiza abordagens específicas (prioridade de práticas-tema), de acordo com as fases de desenvolvimento cognitivo e corporal das crianças e adolescentes, priorizando sempre o diálogo entre as intervenções do Centro de Educação pelo Esporte e os objetivos pedagógicos dos Programas da Fundação Julita, para irmos atuando em conjunto de maneira multissetorial, objetivando o desenvolvimento integral.

Um dos desafios que enfrentamos é do ensino da metodologia da Cultura Corporal de Movimento não estar previsto no conteúdo curricular da Graduação de Educação Física. Por isso, investimos nas formações para nossa juventude beneficiária dos projetos Monitores em Esporte e Comunidade em Comunidade, bem como a equipe pedagógica do Centro de Educação pelo Esporte, a fim de que conheçam e possam atuar conscientes e com intencionalidade político-pedagógica.

Outro ponto desafiador na caminhada é a resistência ao novo por parte dos(as) educandos(as). Normalmente, o interesse parte do que já conhecem e os grupos mais privilegiados querem manter esse privilégio. No entanto, como justiça curricular, abordamos as práticas marginalizadas e sensibilizamos o contato para a democratização e o acesso ampliado, valorizando a cultura de todos(as).

Algumas famílias nos indagam com relação à proposta pedagógica, o que não é necessariamente um problema haja vista que estamos embasados metodologicamente e legalmente com as ferramentas pedagógicas nas quais atuamos. Nestes casos, dialogamos com as mesmas.

Atuamos no Terceiro Setor, na proteção básica, denunciando as injustiças em busca da redução das desigualdades sociais. Por isso, torna-se essencial que nossas ferramentas pedagógicas contribuam para a Decolonização do Currículo, para a Justiça Curricular e o Reconhecimento, valorizando a cultura corporal da comunidade, premissas da metodologia pedagógica que adotamos: Cultura Corporal do Movimento.

Em busca de resultados que denunciem as desigualdades e exclusões, optamos por uma metodologia que promova a desconstrução de discursos conservadores carregados de ódio e opressão bem como das intolerâncias, sendo que a abordagem metodológica da Cultura Corporal de Movimento provoca individualmente para que se reverbere coletivamente.

A caminhada é espinhosa, árdua e dolorosa, pois atravessa muitas vezes o campo das verdades absolutas de cada pessoa; das nossas crenças, contradições e valores, que são colocados em discussão e reflexão.

Porém, também provoca inquietações, que caminham para o processo de desconstrução. Não sendo desta forma, o processo se torna ainda mais longo e doloroso. Mas seguimos confiantes neste caminho e o que nos fortalece é quando nossas crianças se tornam jovens que acreditam no poder da educação para a transformação da realidade social na qual estamos inseridos. E estes se emancipam e passam a multiplicar seus conhecimentos, em seus lares e/ou espaços de educação, impactando positivamente na realidade de outras pessoas.



***Regiany Maciel Pereira, coordenadora
do Centro de Educação pelo Esporte***

PARTICIPAÇÃO E CULTURA



METODOLOGIA E TRAJETÓRIA

Três atividades ilustram a metodologia que o Centro de Educação em Cultura passou a adotar a partir de 2021: a revitalização da Biblioteca, o Encontro Cultural e a atividade Darô, as duas últimas relatadas no próximo capítulo.

Fundada em 1976, a Biblioteca da Fundação Julita tinha um acervo de 1.500 livros. Com a chegada da equipe do Centro de Educação em Cultura, é iniciado um processo de reflexão acerca da intencionalidade pedagógica e política do espaço.

Neste sentido, algumas ações foram tomadas, entre elas: a ação de revitalização do layout da biblioteca e o processo de revisão do acervo bibliográfico-literário. Sendo assim, durante alguns meses a biblioteca passou por um processo de reestruturação física e conceitual, tendo como objetivo a construção de um espaço multicultural que acolha e potencialize o fazer cultural a partir de uma programação coletiva e um acervo literário que contribua para isso.

Uma biblioteca comunitária tem a função de inspirar, mobilizar, articular e instrumentalizar a comunidade a que atende por meio de suas obras literárias. Neste sentido, a equipe da Julita deu início à construção de um acervo literário que dialogasse mais diretamente com as demandas formativas e conceituais, no campo da pesquisa de referenciais pedagógicos, socioeducativos e culturais. A prioridade, portanto, seria por obras da literatura brasileira, indígena e com recorte decolonial e antirracista.

REVITALIZAÇÃO DA BIBLIOTECA





proposta de revitalização do acervo da biblioteca não foi fácil e nem tampouco rápida. Envolveu discussão de equipe, alinhamento com a proposta pedagógica e institucional da Julita. Também enfrentou algumas resistências de parte dos educadores, porque, para revitalizar e renovar, o espaço precisou ficar fechado por algum tempo.

Tínhamos consciência que tudo isso fazia parte do processo de transformação a que estávamos propondo, pois, antes na biblioteca, cabia tudo ou quase tudo, sendo que o lugar também era um refúgio para as crianças e adolescentes que queriam um “algo mais”, para além das aulas e oficinas oferecidas na Julita. Porém, o espaço precisava atribuir intencionalidade e propósito para, de fato, cumprir sua função social e política.

Já sabíamos o que queríamos, uma biblioteca com acervo antirracista, decolonial, e que priorizasse a cultura brasileira, latinoamericana, e autores independentes dos territórios. E, da mesma forma que surgem as dificuldades, também vieram as soluções. Um grupo que abraçou a proposta de fazer junto uma biblioteca com propósito foi o de jovens do curso “Assistente Administrativo”.

Os jovens participaram de todo o processo de revitalização. Observamos a importância de colocá-los neste papel de protagonistas das mudanças estruturais da biblioteca, trazendo legitimidade e identidade para o processo.

Também recebemos uma importante contribuição de empresas parceiras, que doaram, mediante nossa indicação, livros com recorte antirracista e obras criadas e potencializadas por selos-editoras independentes. Essas escolhas buscam, assim, fortalecer também a produção literária periférica além de enriquecer a construção de um espaço multicultural, que contará com um acervo antirracista.

Fizemos uma seleção dos livros que não estavam alinhados com nossa proposta, mas daí surgiu o desafio: para quem iríamos doar esses livros? Optamos por equipamentos e coletivos culturais do próprio território, tais como: Sarau do Binho, CAPS (Caps AD Paraisópolis) e UBS Biblioteca Infantil - Bloquinho (Ass. Bloco do Beco).

Finalizamos o processo com duas principais conquistas: a ampliação do público espontâneo infantil na biblioteca, para além da leitura e/ou empréstimo, mas também para se expressarem através do desenho e outras técnicas-formas; e a criação de arte na parte externa da biblioteca com o time de voluntariado, utilizando grafite e lambe-lambe.

As técnicas foram desenvolvidas ao longo dos processos formativos com os(as) educandos(as), buscando também uma representatividade, a partir da imagem dos mesmos enquanto referência e participantes de toda essa construção.

Relatos de educadores(as) e educandos(as)

“A biblioteca é um potencial espaço para articulação e mobilização. As trocas foram importantíssimas no sentido de nos sentirmos protagonistas das mudanças estruturais nos espaços da Fundação Julita”.

“É muito gratificante estar sendo representado de tal maneira, fiquei emocionadíssimo com a ação e trouxe a importância desse envolvimento. Para quem é da quebrada ser reconhecido dessa maneira é totalmente potencializador e faz com que haja o despertar de querer ocupar espaços. Reforça as diferentes possibilidades de ocupação dos espaços com intencionalidade e afeto”.

“A felicidade do Kael (educando) também vinha do lugar de entender que ele seria conhecido como parte de um processo que vai reverberar por muito tempo e como sua imagem ali exposta irá causar o impacto em outras pessoas. A partir dos possíveis questionamentos sobre como e, a partir de quais caminhos aquelas figuras estão ali retratadas representadas, envolvendo todos(as) aqueles(as) que fizeram parte desse movimento de potencialização, sendo estas figuras caminhos de inspiração para que outros(as) ocupem o espaço, de forma propositiva e protagônica”.

- Capítulo 2 -

ATIVIDADES INTEGRADAS

Metodologia e trajetória

As atividades multissetoriais são orientadas para problemáticas do território, uma vez que impactam em mudanças territoriais. As vivências propõem ações para refletir, conscientizar ou interagir em questões como: cultura local, redução da violência no território e condições de vulnerabilidade das famílias, tais como moradia, alimentação e ambientais.

Como desdobramento dessas ações, durante o Projeto Multissetorial, foram propostas as Atividades Integradas, realizadas por dois ou mais Centros de Educação em iniciativas coordenadas e de forma intersetorial.



MORADIAS SAUDÁVEIS E CULINÁRIA INDÍGENA



Tendo o elemento terra como foco, o tema gerador proposto pelo Centro de Educação Ambiental foi “Moradias Saudáveis”.

Educadores(as) ambientais buscaram trazer reflexões acerca da importância da terra, de valorizar a natureza e preservar o meio ambiente, do direito à moradia e à qualidade de vida.

A moradia indígena foi uma das escolhidas pelos(as) educandos(as), que se dedicaram em criar um protótipo utilizando uma técnica de bioconstrução, o COB.

A partir de um olhar intersetorial, essa atividade se desdobrou em outra iniciativa, a Culinária Indígena. Desta forma, o Centro de Educação Ambiental traçou um planejamento com os Centros de Cultura e de Saúde e, a partir da interação com um representante indígena, trouxeram aos(às) educandos(as) questões mais aprofundadas acerca dos índios brasileiros, tais como: cultura, culinária e diversidade.



MORADIAS SAUDÁVEIS



Com o objetivo de incentivar o interesse e a análise do meio ambiente e de suas potências, propusemos a atividade “Moradias Saudáveis”. Nela, os(as) educandos(as) foram convidados(as) a observar a natureza, com o olhar para o que ela nos oferece de melhor, e, assim, trilhar um caminho de aprender a trabalhar em conjunto com a natureza e não contra ela.

Quantas vidas nos cercam? Como podemos aprender com elas? Essas foram perguntas norteadoras desse trabalho, que visou à valorização da nossa fauna e flora.

Os(as) educandos(as) iniciaram seu percurso com uma atividade sensorial, a partir de práticas manuais com barro. Sugerimos que eles construíssem um protótipo de moradia saudável, feita com uma das técnicas de bioconstrução, o COB, que consiste em uma mistura de terra, água e palha, formando uma massa usada em construções.

Dividimos os(as) educandos(as) em grupos e eles(as) foram orientados a escolher um tipo de moradia que já tinham visto e conheciam, a fim de reproduzi-las, inicialmente em barro, água e feno. As moradias selecionadas nesse dia foram: moradias humanas, dos pássaros, indígenas e animais domésticos.

Observamos a participação e o envolvimento dos(as) educandos(as) na construção e desenvolvimento do protótipo. E, para além da prática, também estimulamos diálogos em torno da moradia. Percebemos que os grupos destacaram a preservação e a garantia dos espaços para os animais. Levantaram questões de animais que estão no nosso cotidiano e que, muitas vezes, acabam tendo suas casas destruídas pelas pessoas.

No total, foram construídos 14 protótipos, envolvendo 54 educandos(as) de 12 a 14 anos.

Relatos de educando

“Agora vamos olhar para essas moradias com outros olhos, identificando e protegendo esses espaços”.



CULINÁRIA INDÍGENA



Em uma proposta de integração, os educadores ambientais iniciaram diálogos e planejamento com a equipe de Nutrição do Centro de Saúde. Neste sentido, promovemos colaboração com outros grupos de educandos(as), sendo que o grupo que participou da atividade “Moradias Saudáveis” assumiu o protagonismo das ações.

Desenvolvemos atividades de Nutrição que trouxeram a importância da valorização dos povos originários, do seu lugar de fala, reconhecimento e garantia de território. E como todos esses fatores poderiam interferir inclusive na alimentação dos indígenas.

Com base nestas afirmações e perguntas, convidamos Wesley Pankararu, colaborador da Julita com ancestralidade indígena, para uma roda de conversa. Wesley faz parte da comunidade indígena Pankararu, cuja terra de origem está localizada entre os municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Há agrupamentos de indígenas Pankararu que hoje vivem em São Paulo e em Minas Gerais.

Interessante perceber que trazer uma pessoa representando essa linguagem indígena na temática que estava sendo trabalhada com o grupo fez despertar a curiosidade e a criticidade em aprofundar um pouco mais sobre fenótipos indígenas. O grupo partiu da pergunta: como as etnias brasileiras se diferem?

Wesley levantou exemplos reais e histórias que demonstraram a diversidade étnica presente nos diversos povos originários do Brasil. Além do fenótipo, dialogamos sobre a cultura indígena e a alimentação, sobre como o povo Pankararu se relaciona com o território onde vive e como a alimentação é vista por eles(as) em sua comunidade.

Percebemos que a conversa despertou a aproximação das histórias ancestrais de cada educando(a) para com a cultura indígena, em relação ao cuidado com alimento e a natureza, o ato de cozinhar e se alimentar em grupo. Isto apareceu na fala do Wesley quando ele dizia: “A relação do cuidado é muito da relação indígena”.

A partir dos elementos que foram trabalhados na oficina de Educação Ambiental nas atividades de “Moradias Saudáveis”, alguns educandos(as) trouxeram a quantidade de lixo que foi gerada para a alimentação nesta atividade, sendo luvas, toucas, guardanapos e palitos de churrasco para os alimentos da fogueira. Neste sentido, os(as) educandos(as) questionaram: “Mas e esse lixo todo que saiu da atividade de alimentação? Não foi uma atividade de Educação Ambiental?”.

Consideramos que o momento da crítica é um resultado da elaboração da atividade. Portanto, nosso objetivo de sensibilizá-los para uma relação mais saudável com o meio ambiente foi alcançado. Neste processo de integração entre Centros de Educação na Julita ainda há arestas que precisam ser acertadas. Faz parte do processo de integrar esse diálogo constante. E está tudo certo!

E, no sentido de olharmos para isso novamente, consideramos muito interessante a provocativa do educando que teve referência na narrativa que estávamos trabalhando no projeto: “se estamos trabalhando a questão de maior interação com a natureza nas moradias, que são saudáveis, não é contraditório a questão do desperdício, de utilizar materiais que poluem o meio ambiente?”.

Relatos de educadores(as) e educandos(as)

“Tivemos um semestre com atividades importantes de construção e fortalecimento de vínculo com e entre os educandos(as), com a terra, meio ambiente, com o nosso território e com a nossa história”.

“O que estamos fazendo hoje eu já vi muito a minha avó fazendo lá no nordeste”.

Pedro Henrique Santana

“As pessoas indígenas têm muito a nos ensinar sobre a sua cultura”.

Thiago Miranda

“Então, eu tenho traços de uma pessoa indígena”?

Maria Eduarda Bandeira, Dandara Nogueira e Sofia da Silva

“Agora eu entendo porque algumas moradias indígenas são Ocas”.

Bruno Bonati

“Eu posso ser visto como um indígena”?

Everton Medeiros

CULINÁRIA INDÍGENA

CHECK-LIST

- ✓ Planejamento conjunto entre equipe de Nutrição, Cultura e de Educação Ambiental
- ✓ Reflexões com educandos(as) sobre valorização dos povos originários
- ✓ Roda de conversa com Wesley Pankararu
- ✓ Atividade de culinária

IMPACTOS

- ✓ Grupo que fez parte de “Moradias Saudáveis” assumiu protagonismo da atividade
- ✓ Despertar da curiosidade e da criticidade sobre fenótipos indígenas
- ✓ Aproximação das histórias familiares ligadas à culinária
- ✓ Percepção da ancestralidade indígena
- ✓ Criticidade em relação aos itens não recicláveis utilizados na atividade de culinária na fogueira

Pontos a melhorar

Como podemos utilizar materiais não poluentes nas atividades?

DARÔ - DIÁLOGOS DE CRIA



Darô - Diálogos de Cria é uma atividade que aconteceu durante o ano de 2022. Em uma ação integrada que envolveu o Centro de Cultura, o Centro de Esporte e o Centro de Saúde, aconteceram vários encontros de educandos(as) que potencializaram e fortaleceram vínculos comunitários: entre os adolescentes, entre eles(as) e seus familiares e entre eles(as) e os(as) colaboradores(as) da Julita.

A proposta era, a partir da dinâmica transformadora de roda e do compartilhar de histórias, possibilitar diálogos, trocas e aprendizados.

A atividade contribuiu para dar início a uma perspectiva de ocupação do espaço da biblioteca, que estava sendo reestruturado tanto fisicamente como conceitualmente.

A proposta de fazer junto partiu da educadora social do Programa Criança e Adolescente, que procurou o Centro de Cultura, para contribuir com a proposição, gestão do espaço e equipamentos e na realização dessa atividade protagônica, possibilitando a visualização de um modelo de atuação e interação entre espaço e propostas socioculturais.

Um dos objetivos do Darô foi construir roteiros e entrevistas que trouxessem pessoas que os(as) educandos(as) pudessem se inspirar e gostariam de entrevistar, atrelando isso aos projetos de vida presentes no grupo. A ideia de fazer em outro espaço que não fosse a sala de aula convencional era de sair do lugar comum. E ir a um espaço multicultural, a biblioteca, na qual os jovens participavam da produção, do cuidado com o espaço e com o registro.

Primeiro, apresentamos o conteúdo de Jornalismo da TV Cultura, o Roda Viva. Inspirado no formato, convidamos o grupo para fazer uma releitura do programa somado à metodologia da Oficina de Cultura Corporal do Movimento, cujo tema gerador era: O Protagonismo Adolescente.

Diante da linguagem de Educomunicação e práticas como organização, decoração, entrevista, práticas corporais e comunicação oral, o Darô: Diálogos de Crias foi ganhando o corpo de um evento cuja proposta era a da escuta de trajetórias de vidas de pessoas que ocupam a Fundação Julita. E, em um segundo momento, também seriam convidados familiares dos(as) educandos(as) para que contassem suas histórias de vida.

As histórias continham narrativas de representatividades, incluindo o mercado de trabalho e os desafios da vida que costumam aparecer no decorrer dos anos, assim como questões familiares, nas quais os(as) educandos(as) se espelhavam. Tais como: muitos momentos que esses adolescentes estavam passando, como ser irmão mais velho e ter que lidar com o cuidado do irmão menor; nunca ter pensado em projeto de vida, mas começar a compreender a importância de olhar pra isso; e enxergar na história do outro os impactos da desigualdade social.

Observamos que, a partir dos relatos, foi se construindo uma consciência acerca da negação de direitos sociais, sejam eles de educação, de qualidade de vida, lazer, saúde e moradia; passando por temáticas abordadas nas formações e vivências com os Centros de Educação da Julita.

Notamos que as atividades possibilitaram a ampliação do repertório de decisões a serem tomadas em relação aos projetos de vida, relações familiares, convivência, ocupação de espaços no território, acesso à universidade e escolhas profissionais. Também contribuíram para a compreensão das identidades existentes, da potência da diversidade como forma de enaltecer a história de vida enquanto jovem negro(a), LGBTQIA+, estudante, morador de periferia da zona Sul.

Incentivamos os jovens a convidarem seus responsáveis para virem ouvir seus filhos(as) e a responder aos seus questionamentos. Foi incrível! Observamos o quanto os(as) educandos(as) possuem disposição para ouvir o que seus responsáveis têm a dizer em relação às suas trajetórias de vida e o potencial da atividade para o fortalecimento do vínculo familiar. Infelizmente, tivemos poucas participações de familiares, mas o grupo ressignificou e entendeu que aquele responsável que esteve presente, de alguma forma, representou o todo.

Do ponto de vista dos familiares, percebemos que a atividade trouxe um olhar mais adulto sobre as construções de seus filhos(as). Isto proporcionou o fortalecimento do vínculo comunitário, no qual esse responsável se aproximou de grande maioria do grupo.

De maneira intencional, a proposta desenvolveu o protagonismo dos adolescentes em sugerirem ações que reverberam no espaço da Fundação Julita, envolvendo Cidadania, Acesso à Cultura, Protagonismo, Participação e o Círculo como proposta pedagógica e de transformação social.

Desta forma, quem é entrevistado passa por um processo de valorização e identificação de sua própria história e quem entrevista acumula em sua bagagem, através da escuta, experiências que podem fortalecer sua história enquanto adolescente em processo de formação.

Duas temáticas das rodas foram muito transformadoras. Em uma ação integrada com o Centro de Promoção à Saúde, uma psicóloga participou da roda e respondeu alguns questionamentos sobre sexualidade, com a presença de algumas responsáveis. Ela trouxe à tona algumas problemáticas que aparecem ao falar sobre sexo e sexualidade, que são coisas diferentes.

Também tivemos uma edição em que falamos sobre a maternidade e a paternidade, com a participação de representantes da Assistência Social, que trouxeram para eles(as) e seus responsáveis a importância da presença familiar na fase da adolescência, pensando no fortalecimento do vínculo familiar.



Relatos de educandos e educandas

“O meu projeto de vida é parecido com o do Lino (ex-educando entrevistado na atividade), eu também quero fazer jovem aprendiz e trabalhar na Honda.”

Alessandra Rodrigues

“Foi ouvir a Emília falar que eu pude perceber o quanto sou forte em passar por tanta coisa na minha família, com minhas irmãs.”

Dandara Nogueira

“Foi da hora ouvir o Caio porque eu também quero ser jogador de futebol.”

Nicolas Matheus

“Minha mãe tem uma história de vida inspiradora, que pena que ela não pôde vir!”

Maria Eduarda Bandeira

“O Programa Juventude não é tão chato assim”.

Luana Elizabete

“A minha escolha para faculdade é Medicina, mas também quero fazer o curso Jovens Monitores em Esporte”.

Marina Gomes

“Nós precisamos olhar o lado das mães também e entender que não é ou foi fácil!”

Tainá Reis

DARÔ

CHECK-LIST

- ✓ Apresentação do programa Roda Viva, da TV Cultura
- ✓ Dinâmica da entrevista do grupo
- ✓ Ocupação da biblioteca - espaço multicultural
- ✓ Escolher atuação de cada grupo, entre: organização, decoração, entrevista, práticas corporais e comunicação oral
- ✓ Convidados: colaboradores(as) de várias áreas da Julita
- ✓ Convidados: familiares
- ✓ Temas especiais: projeto de vida, sexo e sexualidade, a importância família na fase de adolescência

IMPACTOS

- ✓ Identificação com as histórias
- ✓ Valorização das trajetórias pessoais
- ✓ Fortalecimento de vínculo entre pais e grupos de educandos(as)
- ✓ Contribuição para projeto de vida
- ✓ Protagonismo juvenil
- ✓ Ocupação de espaços no território, acesso à universidade e escolhas profissionais
- ✓ Compreensão da identidade e da potência da diversidade
- ✓ Ampliação de repertório e reconhecimento da desigualdade

JUVENTUDE VIVA



Em uma iniciativa que uniu as oficinas de Educomunicação, Gestão de Alimentos e Moda da Fundação Julita, e contou com a coparticipação e colaboração de todos os centros integrados da organização, o Juventude Viva foi apresentado como Projeto de Conclusão de Curso (TCC) da turma do primeiro semestre de 2022 do Programa Juventude.

Um exemplo de atividade inter e multidisciplinar, a ideia inicial era a de mostrar o trabalho da Julita e o que acontece na organização para a comunidade. Portanto, aconteceria na praça do Feirão, um local de grande tráfego de pessoas. Só que a pandemia ainda apresentava riscos, então decidimos fazer a ação internamente.

Pretendíamos simular uma agência ou produtora de eventos culturais, na qual a gestão seria supervisionada pelas educadoras da Julita; porém as ações produzidas, pensadas e gerenciadas pelos adolescentes.

Fomos motivados pela grave situação de violência e violações vividas pela juventude nas cidades brasileiras e que nos provoca a pensar e a executar mudanças estruturais.

A mortalidade de jovens é resultado de processos históricos e da criminalização da juventude periférica pelas polícias e pela mídia. Desta forma, a situação exige o combate ao racismo estrutural e institucional, a integração de políticas públicas (emprego e renda, segurança, educação, trabalho, lazer, combate à fome, saúde e assistência social e proteção psicossocial) e o acesso à justiça.

Tendo essas questões como norteadores e partindo da reflexão de que precisamos parar esse processo de genocídio da população preta e periférica, surgiu como disparador a seguinte pergunta: “O que podemos fazer juntos?”.

Daí surgiu o grito de inquietação que se desdobrou no coletivo jovem, denominado Revolução Favela, que contou com diversas formas de expressão artísticas, culturais e políticas para apresentar todas as reivindicações dos jovens do território do Jardim São Luís e adjacências.

O resultado foi uma performance que teve início com uma grande roda de samba. Com muita animação, os jovens cantaram trechos de quatro sambas já consagrados. Entre eles: Oya e Sorriso Negro. Escolhemos o samba porque é um ritmo muito presente na juventude e representa a luta pela afirmação da cultura periférica.

Na entonação dos sambas, as pessoas que estavam assistindo à performance foram atraídas pela música e convidadas a participar da roda de samba.



Paralelamente, ocorreu uma performance na qual toca uma sirene e todos saem correndo, relembrando os diversos momentos da história em que o samba e outras expressões da cultura negra sofreram perseguição e repressão policial.

A cena era assim:

Um jovem vai ao microfone e fala:

- O Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo.
- É o país com mais assassinatos de LGBT: uma morte a cada 29 horas.
- No Brasil, um jovem é assassinado a cada 17 minutos.
- Negros representam 78% das pessoas mortas por armas de fogo.
- Esses fatos comprovam o genocídio da juventude negra, pobre e periférica. Parte desses assassinatos é cometido pelo braço armado do Estado. Já Basta!

Daí, ouve-se um grito: “Acorda Juventude!!!”.

Vários beats de funk começam a tocar (sendo hoje o funk alvo de perseguição, apesar de fazer parte da cultura periférica), enquanto os jovens desfilam e dançam exibindo as roupas que também trazem uma mensagem de protesto.

Ao término da apresentação, cartazes reivindicando políticas públicas para a juventude são exibidos por todos os jovens como um ato de protesto coletivo promovido pelo movimento Revolução Favela.

“A experiência do Juventude Viva para os jovens beneficiários(as) foi um descobrir-se em lugares que ainda não haviam imaginado estar, tais como orientador cultural de exposição, ser um agente de informação realizando a cobertura de um evento, pensar a imagem, a maquiagem, o caimento da roupa. Na alimentação, significou fazer parte desde a grande produção até servir. Sem contar que era a primeira vez que produziam um trabalho final presencial, desde a pandemia, e os jovens queriam muito mostrar sua potência e possibilidades enquanto indivíduo e equipe.

Realmente eles foram protagonistas e capazes de produzir um evento deste porte”.

Ricardo Firmino, assistente técnico do Programa Juventude.

- Capítulo 4 -

ENCONTRO CULTURAL

Metodologia e Trajetória

O Encontro Cultural da Fundação Julita é o evento que, simbolicamente, encerra e celebra as atividades realizadas durante o ano na organização. O evento já teve vários formatos. Iniciou como Mostra Cultural, reunindo a apresentação dos trabalhos realizados em todos os programas da Julita, até que ganhou contornos de um encontro de fato, trazendo a proposta de valorizar a cultura criativa e a economia local.

Em 2022, a proposta foi a de refletir o que já praticamos de cultura no nosso fazer diário, com o intuito de dissociar a cultura do produto cultural, olhando para as potências artísticas presentes em cada educador(a) e também para a relação das práticas culturais/artísticas que fazem parte da Fundação Julita e do território.

Neste sentido, o Centro de Educação em Cultura, a coordenação pedagógica dos Centros e a gestão da Julita iniciaram uma jornada de reflexões e conversas para o planejamento do novo desenho do Encontro Cultural.

Foram alguns meses de preparação até que a nova proposta fosse apresentada aos educadores(as) e coordenadores(as) dos programas e centros. Inicialmente, houve um momento de resistência por parte da equipe, uma vez que se propôs uma mudança de rota em um jeito cotidiano de se fazer algo.

A convicção e o embasamento da equipe pedagógica em relação ao novo formato do Encontro Cultural foram imprescindíveis para a ideia avançar, mesmo diante de resistências.

O novo conceito do Encontro partiu de uma base bem consolidada: “a cultura precisa ser considerada importante no processo de emancipação e garantia de direitos, e não apenas como um produto estético”.

Para instrumentalizar os educadores(as) neste sentido, a organização promoveu algumas ações antes do Encontro Cultural: formações em parceria com o Instituto Arte e Cultura (IAE) e um encontro disparador.

As experiências formativas colaboraram diretamente para a ampliação do repertório artístico-pedagógico das equipes, pois, a partir das linguagens sensíveis da arte-educação, as vivências puderam ampliar o repertório de ferramentas e de metodologias no fazer pedagógico.

Como evento disparador do Encontro Cultural, a formação “Cultura? Somos Todos artistas!” trouxe para o debate conceitos de cultura, arte e inovação nas práticas culturais.

Após as formações, teve início a Semana do Encontro Cultural, na qual foram realizadas várias atividades em todos os Programas de Atendimento e Centros de Educação da Julita.

“O Encontro Cultural era realizado de uma forma e se propôs um novo olhar. Tiramos o Encontro do espaço da passividade e colocamos em atividade, dando oportunidade do(a) educador(a) e do(a) educando(a) serem protagonistas do seu saber. Isso dialoga com a intencionalidade pedagógica, com o espaço, com a motivação diante da não motivação; como atrair interesse, trazer para a realidade do(a) educando(a). Não sabíamos se a nova proposta daria certo, mas só o movimento e a inquietação já trouxeram um resultado”.

Elton Vitor da Silva, coordenador pedagógico da Julita

ENCONTRO CULTURAL



Iniciamos a Semana do Encontro Cultural, após intensos dias de planejamento e concepção do novo formato, seguidos de resistências de parte da equipe em mudar de rota, em aceitar, a nova proposta que estava sendo apresentada. Porém, valeu a pena todo esse esforço! Durante a semana, tivemos atividades de todos os programas e centros da Julita acontecendo em torno da temática da cultura.

Algumas coisas não aconteceram por conta da forte chuva que acabou causando estragos em algumas salas da Julita. Tivemos que reorganizar e cancelar atividades externas devido à chuva que se manteve por alguns dias. E, obviamente, como era o primeiro evento neste novo formato ainda vemos que muita coisa pode ser aprimorada, incluindo a programação.

O sábado de celebração que encerrou a proposta da Semana Cultural nos mostrou o quanto as diferentes formas do fazer artístico e cultural são terras férteis para que possamos explorar. Neste dia, foi bonito demais rever crianças, adolescentes, jovens e pessoas idosas dividindo o mesmo palco; vivência esta que contou com muita cantoria e batuque de maracatu ao final do ato.

Aqui se faz importante entender que esse Rever significa que isso já se fazia presente nos espaços e ações da Fundação Julita. Contudo, o dia de celebração ou Encontro Cultural ajudou a aglutinar as pessoas e a potencializar o coletivo. Foi naquele dia que percebi a grandeza desses encontros, que são tão presentes na Fundação Julita, mas muitas vezes ainda acontecem num lugar mais orgânico, sem previsão, agenda ou espaço definido, passando despercebido justamente por serem espontâneos e não compreendidos como fazer cultural/ artístico individual e coletivo.

Certamente, não é um problema que a cultura e a arte se manifestem de forma orgânica/espontânea; afinal, somos seres culturais, carregados de símbolos. Definitivamente não é um problema, mas elencar datas e espaços ao longo de todo o ano se faz importante, para que assim essas potências ganhem vazão e que, através das diferentes formas de registro, tenham suas memórias preservadas no tempo.

Dessa maneira, enquanto pessoas que atuam e trabalham com e para outras diversas pessoas do território, temos mais chances de possibilitar que ações como essas possam ser mais e melhor entendidas como necessárias para a nossa formação cultural/cidadã.

É fundamental ter um dia para “pausar a rotina” com a possibilidade de estar em espaços ou fazer parte de experiências que sensibilizam através da arte. Neste sentido, observar, sentir e vivenciar junto o momento da celebração do Encontro Cultural foi uma experiência única, e isso se observou também nos relatos de outras pessoas que somaram nessa ação. E, portanto, me pergunto: como podemos expandir essas ações e contagiar pessoas através da cultura?

Acredito que um dos caminhos é fomentar, facilitar e possibilitar estes espaços de encontros intergeracionais e coletivos de contágio, principalmente por meio de ações socioculturais e artísticas ao longo de todo o ano.

Desta forma, esses momentos culturais poderão estar mais presentes no nosso cotidiano. Parafraseando Gilberto Gil: **“ [...] É preciso acabar com essa história de achar que cultura é uma coisa extraordinária. Cultura é ordinária! Cultura é igual feijão com arroz, é necessidade básica. Cultura tem que estar na mesa, tem que estar na cesta básica de todo mundo, e, para isso, é preciso que haja uma conscientização muito grande [...]”**.

As ações de cultura que envolvam a comunidade interna e externa precisam ser ampliadas no calendário institucional de nossas ações ao longo de todo ano, e não somente numa data reservada para um Encontro Cultural ou a partir de proposições exclusivas do Centro de Educação em Cultura. E, certamente, também é necessário estender esse debate para as demais linguagens que os Centros representam. A cultura é uma dessas linguagens, sendo muito ampla e cheia de possibilidades.

Se pensarmos na linguagem musical, por exemplo, no segundo semestre de 2022 foi realizada a apresentação da Camerata de Violões, que juntou jovens e pessoas idosas em uma única apresentação musical coletiva exaltando a cultura popular brasileira através da musicalidade. Mesmo sendo uma ação à parte do dia de celebração do Encontro Cultural, a Camerata é um exemplo destas potências artísticas que, novamente, estamos discutindo a partir do Centro de Educação em Cultura e que precisam ser expandidas nas demais práticas pedagógicas.

Estas atividades ainda acontecem numa chave de apresentação, de finalização, muito próximo do formato ou ideia de ações culturais que, majoritariamente, está presente em grande parte do imaginário comum: a ideia de que cultura se resume a um evento ou apresentação cultural.

Nós, coletivamente, estamos num bom caminho... O Encontro Cultural de 2022, realizado numa perspectiva de ensaio acerca dos seus possíveis novos formatos, fruto das discussões que foram realizadas ao longo de 2022, nos mostra que é possível ampliar nosso potencial artístico, mesmo para aqueles(as) que não atuam a partir do Centro de Educação em Cultura, de forma coletiva e gradual, mas principalmente intencional. Assim, a gente pode tornar a cultura e suas expressões nosso “feijão com arroz diário”.



Nuno Júnior, coordenador do Centro de Educação em Cultura



PROGRAMAÇÃO COMPLETA DO ENCONTRO CULTURAL

- ✓ Noite da Pizza – confraternização educandos(as) do Programa Juventude e famílias
- ✓ Oficina de Futsal
- ✓ Ferinhas Julita – atividade de férias para educação infantil
- ✓ Labirinto de Moçambique
- ✓ Roda de música com instrumentos
- ✓ Contação de histórias para crianças protagonizadas por pessoas idosas
- ✓ Confeção de colcha de retalhos
- ✓ Bichos da Terra
- ✓ Exposição d'angola
- ✓ Oficina de Iniciação e Aprimoramento Esportivo - Turma de Voleibol
- ✓ Momento de musicalização com o Professor Joel
- ✓ Construções com terra exposição
- ✓ Incenso de canela (vivência)
- ✓ Chegança - Ciranda Cultura Popular
- ✓ Atividade Resgate da Infância,
- ✓ Brincadeiras de Crianças – Programa Criança e Adolescente e famílias
- ✓ Vivência com Maracatu Baque Atitude: “Na Julita, tem Maracatu!”
- ✓ Peça de Teatro Cia. Gri Gri – espetáculo 70 Anos da Fundação Julita apresentado pelo grupo de pessoas idosas: Uma História de Amor

- Capítulo 5 -

FORMAÇÃO CONTINUADA

Metodologia e trajetória

Os Centros foram pensados e planejados para viabilizar que profissionais de especialidades de Saúde, Esporte, Meio Ambiente e Cultura atuassem nos programas de atendimento da Julita. Com isso, a proposta é de qualificar os serviços prestados aos(as) beneficiários(as), com foco na educação integral e na garantia de direitos.

As formações continuadas são a principal estratégia para que os(as) educadores(as) pedagógicos e sociais possam polinizar ações inter e multidisciplinares nas temáticas específicas do seu dia a dia.

FORMAÇÕES CULTURAIS





As formações realizadas em parceria com o Instituto Arte na Escola (IAE) buscaram abordar temas como “Tecnologia e Arte-educação” a partir dos contextos de aprendizagem específicos. Realizamos dois encontros.

O primeiro intitulado *Potência das Artes na Juventude* foi realizado com equipes pedagógicas atuantes na perspectiva da proteção básica (socioeducativa). Realizamos a discussão acerca da importância do uso do celular em consonância com as linguagens de arte-educação e buscamos também apresentar alguns referenciais teóricos e metodológicos decoloniais. O objetivo é que os(as) educadores(as) pudessem aplicar essas propostas nas práticas educativas de cada programa e centro. Para essa primeira formação, tivemos um público participante estimado em 38 pessoas, entre educadores(as) e/ou coordenações pedagógicas.

A segunda formação proposta, *Potências das Artes*, buscou desenvolver a manifestação híbrida em diferentes aspectos da aprendizagem infantil. Foi destinada a, aproximadamente, 47 profissionais do Programa Primeira Infância, da Fundação Julita.

A proposta formativa foi mediada por duas facilitadoras, da equipe do IAE, que trouxeram perspectivas de atuação com/em arte-educação, a partir de um olhar e abordagem híbrida afro-ameríndia, explorando os caminhos possíveis do cruzamento entre corporalidades, sonoridades e visualidades.

Elas dividiram a sequência formativa em atos, que perpassam por eixos temáticos e perguntas geradoras, tais como: “corporeidade, sonoridade, musicalidade e visualidade vivem em nossos corpos e nos corpos das infâncias?” ; “Onde está a arte com tudo isso?”; “Onde está a arte em mim?”; “Um momento de descobrir brincando.”; “Apresentando também o conceito e as possibilidades do Ateliê Híbrido”.

De forma geral, as duas experiências formativas colaboraram diretamente para a ampliação do repertório artístico-pedagógico das equipes, pois, a partir das linguagens sensíveis da arte-educação, os(as) educadores(as) puderam conhecer ferramentas e metodologias no fazer pedagógico. A partir da escuta espontânea, muitos comentários nesse sentido reforçaram a forma fluida ao qual as propostas se deram, e também a necessidade de se explorar mais formações que forneçam novos e atuais referenciais em arte-educação e literatura decolonial/antirracista.

Neste sentido, os encontros contribuíram também para a temática central do Encontro Cultural, que seria realizado em um novo formato e proposta, em uma perspectiva de ensaio para o que pode vir a ser num futuro. A intenção é que o Encontro olhe para as potências artísticas presentes em cada educador(a) e também para a relação das práticas culturais/artísticas que estão presentes na Fundação Julita e território.

As formações contaram com os(as) facilitadores(as): Eliane Almeida; July Pop e Veronicah X ; Pedro Ermel. Foi fundamental termos uma parceria para isso, como a do IAE.

FORMAÇÃO CULTURAL? SOMOS TODOS ARTISTAS



Tendo como facilitadora a arte-educadora e artista, Ana Gagliardo, a formação colocou em debate os conceitos de Cultura, Arte e Inovação nas práticas culturais. Por meio de dinâmicas, rodas de conversa, reflexão conceitual, experiências performáticas e levantamento de tais práticas, a mediadora buscou potencializar o trabalho da equipe pedagógica que vivenciou o encontro, identificando as práticas culturais que já são realizadas na Fundação Julita.

O objetivo foi o de proporcionar um espaço de reflexão e valorização dessas práticas, presentes no fazer pedagógico de cada educador(a), entendendo todos enquanto artistas. Afinal, artista é aquele que cria, reinventa e gera diferentes experiências a partir de sua práxis.

Essa experiência de troca, explorando o corpo, as diferentes formas do fazer artístico e o que entendemos acerca da cultura e da produção artística, estava totalmente em sinergia ao que se buscou discutir por meio do Encontro Cultural 2022. A formação somou-se à nossa intenção de valorizar aquilo que temos enquanto arte, de se descobrir como um meio para que as potências artístico-culturais possam ser valorizadas, prestigiadas e inseridas no dia a dia de cada ação. Entender que a cultura precisa ser considerada importante no processo de emancipação e garantia de direitos, e não apenas com um produto estético.

FORMAÇÃO OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA COM CORPO PEDAGÓGICO DA PRIMEIRA INFÂNCIA



Realizamos formação com as educadoras e as auxiliares de classe do Programa Primeira Infância no sentido de apresentar o projeto Os Quatro Elementos da Natureza, metodologia continuada do Centro de Educação Ambiental da Julita, que promove ações e vivências para a sensibilização e conscientização em relação ao meio ambiente envolvendo crianças com meses de vida até 14 anos de idade.

Reforçamos as estratégias que foram sendo realizadas para promover a interação das crianças com a natureza, até chegar ao projeto quatro elementos.

Antes de atingir as crianças foi necessário primeiro realizar uma sensibilização com as professoras, a partir de muito diálogo e vivências com os quatro elementos, que foram cruciais neste processo.

Uma das estratégias foi a de relacionar os elementos com os estágios do desenvolvimento da criança, desde a concepção da vida, tais como:

- O elemento água que a criança tem contato desde o útero materno, no qual o bebê é gerado na bolsa de água;
- Depois da água, o segundo elemento é o ar. Ao nascermos, precisamos aprender a respirar;
- Em seguida, o elemento fogo. Os seres humanos precisam do calor humano;
- E, por fim, o elemento terra representado pelo andar.

Esta correlação teve o sentido de aproximar o elemento da fase de vida da criança, no sentido de estimular e instrumentalizar os(as) educadores(as) para o desenvolvimento da atividade. Além disso, obviamente, temos diversos exemplos nos quais podemos encontrar os quatro elementos, desde ações simples que realizamos em nosso cotidiano até aquelas que podemos promover.



Citamos o exemplo de um fenômeno com alguns elementos, como água, ar e calor (representado pelo fogo): o arco-íris. A partir da mistura de gotículas d'água, o ar e o calor formam o arco-íris.

Na nossa proposta metodológica, os elementos são divididos em pilares e por faixas etárias para melhor trabalharmos com os(as) beneficiários(as), mas nada impede de desenvolvermos atividades com qualquer um destes elementos em todas as faixas etárias.

A divisão proposta segue a estrutura:

- De 0 a 1 ano: elemento água
- De 1 a 2 anos: elemento ar
- De 2 a 3 anos: elemento fogo
- De 3 a 4 anos: elemento terra.



As possibilidades de atividades são inúmeras. Por exemplo, uma vivência relacionada à água pode envolver nosso próprio corpo. Ao bater em cada parte do corpo, percebemos que é gerado um tipo de barulho/som diferente por causa dos líquidos que temos no corpo. A partir do simples, é possível explorar cada uma das temáticas.

Após a conceituação teórica, fomos para uma atividade prática. Explicamos o quanto “somos natureza” e, portanto, é muito importante nos conectarmos com os elementos da natureza. Dividimos o grupo de educadoras e auxiliares em dois, para realizarem vivências que envolvessem os quatro elementos.

Para o primeiro grupo, foi apresentada a brincadeira com a luz. Entre elas, o teatro de sombra dos animais e o pote mágico, que, ao iluminarmos, aparece um bichinho da natureza.

Ao outro grupo, a proposta era fazer potes de cheiros com plantas da natureza. Todas foram convidadas a degustar águas aromatizadas e chás. Apresentamos um xilofone feito com potes de vidro, com diferentes quantidades de água, trazendo novamente a brincadeira de bater no corpo para ouvir os diferentes sons que nele podemos fazer.

E brincar na natureza é melhor ainda. Então, as educadoras foram convidadas a escorregar nas folhas da palmeira e ouvimos diversos sons que a natureza tem. No fim da atividade, fizemos uma massa com terra para restaurarmos alguns locais do auditório da Julita. As educadoras também aprenderam a fazer tinta de terra e a pintar os decalques dos animais na parede da casa da Fazendinha da Julita, deixando nossa marca nas paredes.

Terminamos o dia com uma dança circular e fizemos uma roda no qual cada uma mencionou uma palavra de como foi o dia.

Relatos das educadoras

“A formação aguçou o nosso olhar para os elementos e o quanto são importantes na vida. Acredito que ampliamos o olhar para os quatro elementos quando nos conectamos com a natureza e uma vez que me abro para o conhecimento.”

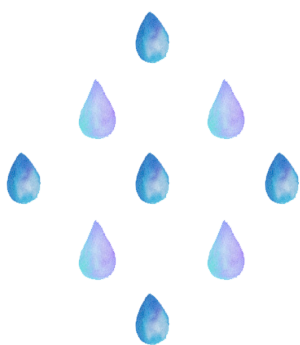
Patrícia Silva

“Obrigada pela experiência compartilhada. Momentos assim ampliam as ideias para atividades com os 4 elementos em nossa prática pedagógica. Além de recebermos muitas informações importantes, vivenciamos um dia memorável”.

Ariane Pereira

PASSO A PASSO

XILOFONE



O xilofone à base de água estimula a criatividade, a audição e a sensibilidade musical, além de trabalhar o elemento água e ar. Para fazer este xilofone, você vai usar copos idênticos, que podem ser de vidro. No vidro, o som das

notas musicais fica mais claro.

Posteriormente, é só encher cada um com um pouco de água e colocar na ordem do mais cheio para o mais vazio. Quanto mais cheio, mais agudo será o som. Depois, vem a parte divertida, é só tocar!

PASSO A PASSO

TINTA DE TERRA



A terra possui uma grande variedade de cores e texturas, diferentes tonalidades de marrom, cinza, amarelo, tons avermelhados, preto e até branco colorem e revelam os minerais e as propriedades físicas e químicas do solo. É possível aproveitar esse potencial da natureza e transformá-la em tinta. O processo começa com a coleta do solo que será utilizado. Depois de escolher a terra com a cor desejada, vem uma etapa fundamental, que é a peneiração do solo; quanto mais fina a terra ficar, melhor é a qualidade da tinta.

Com o solo peneirado, começa o processo de preparo da tinta. Veja as proporções indicadas:

- 2 medidas de solo
- 2 medidas de água
- 1 medida de cola branca

Coloque a terra em uma vasilha, junte a água e misture bem. Adicione a cola e mexa mais um pouco, até integrar todos os componentes. Pronto, a sua tinta já está feita! E pode ser utilizada em pinturas sobre madeira, papel, parede de alvenaria, paredes de barro, entre outras.

PASSO A PASSO

STENCIL



O stencil é uma técnica de pintura em que desenhos são aplicados em diferentes tipos de superfícies por meio de um molde vazado.

A técnica de stencil é muito usada para fazer estampas de camisetas, por exemplo.

Entretanto, na decoração de uma casa, pode ser aplicada em superfícies das mais variadas, como na parede, teto, piso, portas e portões, entre outras.

Para aplicar a técnica do stencil, é preciso, primeiro, ter um molde com o desenho desejado. Para fazer o molde, o ideal é que você tenha algo resistente, mas, ao mesmo tempo, flexível. Os melhores materiais são: papelão e papel cartão.

Para o desenho, você pode procurar uma imagem na internet e imprimi-la. Ou, ainda, fazer a mão livre, com uma caneta permanente. Desenhe todo o contorno, que depois será recortado. O ideal é usar um estilete com a ponta bem afiada, para recortar em volta dos contornos. Lembrando que a lógica do stencil é que a tinta irá passar pelos espaços vazados.

FORMAÇÃO OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA COM EDUCADORES DO PROGRAMA CRIANÇA E ADOLESCENTE



Iniciamos a formação com a PRC (Prática de Respiração e Concentração), realizada na Julita em parceria com o Lama Gangchen (parceiro metodológico). Após a prática, colocamos uma música incentivando a identificação dos elementos naturais presentes na melodia. Os(as) educadores(as) do Programa Criança e Adolescente observaram os elementos: água, terra e ar.

Posteriormente, realizamos uma apresentação sobre a promoção de vínculos com a natureza a partir dos quatro elementos, sendo ferramenta de aprendizado e aproximação à natureza. O projeto de educação ambiental da Julita tem como base metodológica a ética da permacultura, que inclui o cuidado com o planeta e com os seres vivos, a partilha justa dos excedentes e o planejamento de crescimento, entre outras premissas.

Desde a primeira infância, as atividades ambientais têm como foco central a sensibilização e a conscientização para a preservação do meio ambiente, a partir dos valores da educação ambiental sustentados pelas práticas e princípios da permacultura.

Nosso objetivo é formar indivíduos aptos a agir em favor do meio ambiente e que entendam que somos um ecossistema, que natureza é a gente. E que tenham ferramentas para contribuir para a resolução, individualmente e coletivamente, de problemas ambientais presentes e futuros.

Na formação, apresentamos também as estratégias a serem seguidas para o alcance dos nossos objetivos, como a criação de oficinas para os(as) beneficiários(as). Essas oficinas fazem parte de um plano de educação ambiental dentro de uma escala de aprendizagem continuada, que vai desde a educação infantil até a adolescência. Sendo assim, o(a) beneficiário(a) participa desta formação por um ciclo educativo de até 17 anos.

Desta forma, é importante abordar estratégias diferenciadas para cada grupo. Entre elas: orientação dos educadores(as)-referência dos programas pelos(as) educadores(as) ambientais e elaboração de formações para os educadores(as)-referência. A ideia é que eles(as) consigam conduzir as oficinas de educação ambiental, previamente planejadas junto à educadora ambiental.

Em nosso cronograma, cada grupo, tanto do período da manhã quanto da tarde, precisa realizar uma atividade ambiental por semana; totalizando quatro no mês.

O trabalho é documentado por relatórios escritos, que precisam deixar claro o objetivo que deseja ser alcançado com a atividade de educação ambiental e qual elemento está sendo inserido na atividade. Também é fundamental incluir o relato dos resultados não esperados, por exemplo, quando a educadora percebe mudanças no comportamento do(a) educando(a), como deixar de jogar lixo no chão, de arrancar flores; quando começam a prestar mais atenção ao ambiente ao seu redor, nos elementos que nos cercam, nas formas de vida, desde uma plantinha e inseto a grandes árvores e pássaros.

“ A formação foi um momento de esclarecimento, tanto para a elaboração de relatório, quanto para a proposição de atividades. É muito importante sempre observar as necessidades de cada grupo, qual objetivo quer alcançar com os quatro elementos. E entendi a importância de trazer os resultados não esperados para os relatórios”.

Júlia Cardoso



FESTIVAL DA PRIMAVERA



Por meio dos seus programas e centros, a Fundação Julita desenvolve metodologias voltadas à saúde integral de crianças, adolescentes, pessoas idosas e suas famílias, garantido experiências diárias focadas no cuidado de si, do outro e do meio ambiente que se vive, nosso território. Com isso, possibilita que os(as) beneficiários(as) incorporem essas ações nas práticas cotidianas proporcionando direito à saúde e bem-estar, impactando na qualidade dos vínculos familiares e comunitários.

E, para reunir todas essas práticas de autocuidado que vivenciamos no dia a dia da Julita, costumamos fazer um evento simbólico: o Festival da Primavera. Essa grande festa de autocuidado e de divulgação dessas práticas já aconteceu cinco vezes na Julita, reunindo em torno de 2 mil pessoas em 2019, o último ano que aconteceu de forma presencial.

Em 2021, por conta da pandemia, o Festival não foi aberto para a comunidade como nos outros anos. As práticas foram realizadas com os mais de 100 funcionários da organização, em um objetivo de cuidar de quem cuida.

Com o advento das ciências médicas, as práticas de autocuidado foram sendo terceirizadas para as equipes de médicos e médicas. O cuidado médico é necessário, porém muitas de nossas dores podem ser tratadas de forma segura e caseira, afinal foram essas práticas naturais que nos trouxeram até aqui e a base da farmacologia se nutre de estudos e pesquisas baseados na natureza.

Diferentemente do conceito de automedicação, a ideia do autocuidado refere-se à escuta do corpo, dos sentimentos, das dores – da reflexão sobre o que cada dor diz sobre nós mesmos, onde precisamos olhar com atenção.

Escutando o próprio corpo, observando o que ele diz sobre nós, podemos nos munir de atitudes e comportamentos para sanar essas vozes que pedem nosso olhar compassivo. As práticas de autocuidado não se referem apenas ao uso de plantas medicinais, por exemplo, mas atitudes como hidratação, boa alimentação, sono regular, alongamento, auto-massagem, cuidados com a pele e cabelos, atividades físicas, meditação, entre outros.

Na edição de 2021, as principais práticas disseminadas para a comunidade interna durante o Festival da Primavera foram:

Farmacinha Natural:



Montamos uma mesa com diversas plantas e tipos de extratos medicinais para abordar os elementos propostos na oficina. Foram apresentados os procedimentos para um preparo medicinal, desde a escolha das

plantas, qualidade de ervas frescas e secas, preparos como infusão, sumo, suco, decocção, maceração, tinturas, chás, escalda-pés, vaporização e banho de assento. Falamos da importância de se ter uma farmacinha natural em casa e conversamos sobre nossos laços afetivos com as plantas medicinais. Houveram alguns depoimentos reforçando a relação da proximidade dos participantes com as plantas devido às suas histórias familiares.

Argila para o rosto:



A argila é um método milenar utilizado no tratamento medicinal e na estética. Composta de minerais, componentes que trazem benefício à saúde por serem bactericidas, regeneradoras,

anti-inflamatórias e antissépticas, a argila é um recurso natural para cuidar da pele e prevenir os efeitos do envelhecimento. A procura por essa atividade foi grande, a todo momento surgiam novas pessoas para aprender e usufruir das amostras de argila, sendo as de cor preta e vermelha as que foram apresentadas aos(às) colaboradores(as). A argila preta é a mais solicitada pelos seus princípios.

Incenso Natural:



Apresentamos conceitos gerais sobre os incensos naturais, trazendo informações acerca do tema e a relação entre o olfato e os efeitos dos princípios ativos no corpo. Diante da diversidade de atividades no dia,

não conseguimos engajar o público a fazer a coleta dos materiais para a confecção do incenso durante a apresentação. A proposta era fazer um pequeno percurso na Julita para identificar plantas aromáticas com potencial para uso em incensos. Por essa razão, a equipe ambiental ficou responsável pela coleta para fazermos demonstrações de montagem dos incensos naturais.

E-BOOK DO FESTIVAL DA PRIMAVERA



As atividades realizadas no Festival da Primavera nos inspiraram a construir um e-Book, com o objetivo de apresentar as práticas e as diversas maneiras de realizarmos o autocuidado de forma mais autônoma e individual, praticando-o nossa rotina diária. Além disso, também foi produzido um audiobook como estratégia para acessar aqueles(as) que possuem dificuldade de leitura.

Conheça outras práticas de autocuidado e a história do Festival da Primavera na Julita, acessando o e-book:

<https://materiais.fundacaojulita.org.br/ebook-festival-da-primavera>

Equipe técnica - Fundação Julita

Janio Barboza de Oliveira - diretor executivo
Fabio Alves Meirelles – diretor financeiro
Elton Vitor da Silva - coordenador pedagógico
Janaina Aparecida - assistente social
Wesley Barboza - assistente social
Coordenação dos Programas
Isis Nascimento - diretora do Programa Primeira Infância
Carolina Regina - Programa Primeira Infância
Carolina Sirino - Programa Ipezinho
Edimilson Filomeno - Programa Juventude e Escola Empreendedora
Tatiane de Matos Araújo - Programa Terceira Idade

Coordenação dos Centros

Agnaldo Vieira - Centro de Educação em Saúde
Regiany Maciel - Centro de Educação pelo Esporte
Flávia Cremonesi - Centro de Educação Ambiental
Nuno Junior - Centro de Educação em Cultur

Equipe Editorial - Diário de Bordo - Práticas Multissetoriais para o Desenvolvimento Integralo

Edição e revisão de textos: Carla Prates
Diagramação: Antonio Santana

Colaboração: Agnaldo Vieira, Evelyn Inouye, Flávia Cremonesi, Nuno Junior e Regiany Maciel.



Realização

